

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS LITERÁRIOS – MEL**

RAIMUNDO RAMOS DE ARAÚJO JUNIOR

QUE DIFERENÇA UM SÉCULO FAZ?

**UMA ANÁLISE DAS OBRAS
THE SEA AND THE JUNGLE, DE TOMLINSON (1912)
E AMAZONIA, DE ROLLINS (2002)
SOB UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL**

Porto Velho

2013

RAIMUNDO RAMOS DE ARAÚJO JUNIOR

QUE DIFERENÇA UM SÉCULO FAZ?

**UMA ANÁLISE DAS OBRAS
THE SEA AND THE JUNGLE, DE TOMLINSON (1912)
E *AMAZONIA*, DE ROLLINS (2002)
SOB UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL**

**Dissertação de Mestrado para
obtenção do título de Mestre em
Estudos Literários da Universidade
Federal de Rondônia – Departamento
de Letras Vernáculas - Mestrado
Acadêmico em Estudos Literários**

Orientador: Professor Doutor Miguel Nenevé

Porto Velho

2013

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

A663q

Araujo Junior, Raimundo Ramos

Que diferença um século faz? Uma análise das obras *The sea and jungle*, de Tomlinson (1912) e *Amazonia*, de Rollins (2002) Porto Velho, Rondônia, 2013.
95 f.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Nenevé

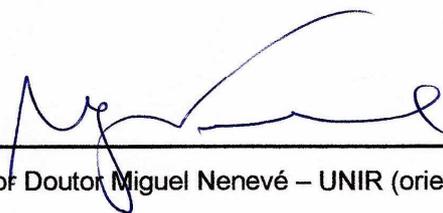
Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

1. Colonial 2. Pós-Colonial 3. Subalterno 4. Inferioridade 5. Racismo

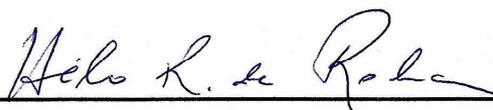
CDU: 82.091(048.8)

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

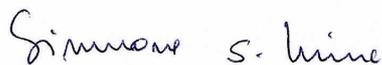
Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:



Professor Doutor Miguel Nenevé – UNIR (orientador)



Professor Doutor Hélio Rodrigues da Rocha - UNIR (membro interno)



Professora Doutora Simone Souza Lima - UFAC (membro externo)



Coordenador do Programa Mestrado Acadêmico em Estudos Literários - MEL
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Porto Velho, 22 de novembro de 2013

Minhas homenagens e agradecimentos

Ao Mestre dos Mestres, Senhor Jesus

Ao Grande Mestre José Gabriel da Costa, Mestre Geral da União do Vegetal
“Quem sabe aonde quer chegar escolhe o caminho certo e o jeito de caminhar”

A meus Professores na estimada Universidade Federal de Rondônia - UNIR, a quem
homenageio na pessoa do Professor Doutor Miguel Nenevé, orientador atento e presente

A meus familiares:

- Raimundo Ramos de Araújo (*in memoriam*) – saudoso pai
- Maria Aracy Craveiro de Araújo (*in memoriam*) minha saudosa mãe
- Luciene Batista de Oliveira Ramos – companheira e conselheira
- Leisaluz Ramos de Oliveira (*in memoriam*) – saudosa filha
- Elisanaluz Ramos de Oliveira – filha querida
- Luzzaluz Ramos de Oliveira – filho amado
- Jórdan Huáscar Ramos de Oliveira – neto que me rejuvenesce

Aos meus amigos, a quem homenageio na pessoa de César Huilson Maronês Frota, que
apesar da distância geográfica se eleva pela proximidade em sentimento de união

Todos que me trouxeram saúde, sabedoria e determinação para este cumprimento

Os escritos podem ser entendidos e devem ser expostos principalmente em quatro sentidos.

A um chama-se literal, e este é o que não ultrapassa a letra da narrativa ficcional, como por exemplo as fábulas dos poetas.

Ao outro chama-se alegórico, e este é o que se esconde sob o manto dessas fábulas, e é uma verdade escondida sob uma bela mentira: como por exemplo quando Ovídio diz que Orfeu com sua cítara amansava as feras, e comovia as árvores e as pedras; o que significa que o homem sábio com o instrumento de sua voz amansa e humilha os corações cruéis, e comove à sua vontade aos que não têm vida de ciência e de arte; e aqueles que não têm vida racional nenhuma são quase como as pedras. (...)

O terceiro sentido chama-se moral, e é aquele que os leitores devem procurar descobrir nos escritos para sua utilidade e dos seus descendentes: como por exemplo pode-se aprender no Evangelho, quando Cristo saiu para o monte a fim de transfigurar-se, que dos doze apóstolos levou consigo apenas três; disto pode-se entender moralmente que nas coisas secretíssimas devemos ter pouca companhia.

O quarto sentido chama-se anagógico, quer dizer supra-sentido; e este ocorre quando se expõe espiritualmente um escrito, o qual, pelas coisas significadas, significa as sublimes coisas da glória eterna, como se pode ver naquele canto do Profeta que diz que, na saída do povo de Israel do Egito, a Judéia é feita santa e livre. Se for manifesto que isto é verdadeiro segundo a letra, não é menos verdadeiro o que disto se entende espiritualmente, ou seja, que na saída da alma do pecado esta torna-se santa e livre em sua potestade.

E, ao demonstrar isto, sempre o literal deve estar à frente, como aquele em cujo sentido os outros estão incluídos, e sem o qual seria impossível e irracional entendê-los, principalmente o alegórico. É impossível porque em toda coisa em que há dentro e fora é impossível chegar ao que está dentro sem primeiro passar pelo fora; portanto, como acontece que na escritura [o sentido literal] esteja sempre do lado de fora, é impossível chegar ao outro, principalmente ao alegórico, sem primeiro passar pelo literal [...]

Conclui-se disto que, sendo o sentido literal sempre sujeito e matéria dos outros, principalmente do alegórico, é impossível chegar ao conhecimento dos outros sem o seu conhecimento.

DANTE, Alighieri. Convívio. Cap.II, p.1 – Tradução de Roberto Mallet

The Convivio, by Dante Alighieri. Translated by Richard Lansing. 1998.
Disponível em <http://dante.ilt.columbia.edu/books/convivi/>

RESUMO

A dissertação apresenta análise de dois livros de literatura de viagens, escritas por um inglês, Tomlinson, e um estadunidense, Rollins, em *The sea and the jungle* (1912) e *Amazonia* (2002), respectivamente, onde constatamos características de um discurso de subalternidade e desejo de hegemonia sobre a alteridade de povos vistos como periféricos. A análise recai sobre a narrativa de Tomlinson, partindo da Inglaterra a bordo de um navio conduzindo equipamentos para a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, a qual manifesta elementos da cultura colonial, desacreditando o amazônida e os empreendimentos locais ao mesmo tempo em que reafirma as qualidades do sangue e da raça pura das linhagens Britânicas. O narrador de Rollins, por sua vez, embrenha-se à selva amazônica em missão de salvamento através de uma narrativa onde predomina o misterioso e exótico em que manifesta o predomínio cultural dos estadunidenses que estão sempre à frente dos nativos em conhecimento e iniciativas para solucionar conflitos e perigos em plena selva amazônica, espaço estranho a seu habitat. Revela por fim uma rede de monitoramento a título de inspecionar o meio ambiente, mas que serve como braço de espionagem a qualquer título em benefício daquele estado alienígena. Ambas as obras recheadas de evidências de imposição da própria cultura lançando o descrédito sobre a cultura do outro, como forma de justificar o empreendimento imperialista e colonizador exercido contra ele. As semelhanças são inúmeras, as diferenças poucas. Há que se indagar: somente uma ruptura enérgica poderia desconstruir a departamentalização centro/periferia, metrópole/colônia?

Palavras-chave: Colonial - pós-colonial – subalterno – inferioridade - racismo

ABSTRACT

The paper presents analysis of two books of travel literature, written by an Englishman, Tomlinson, and an American, Rollins, in *The sea and the jungle* (1912) and *Amazonia* (2002), respectively, where we find characteristics of a discourse of subalternity and desire for hegemony over the otherness of people seen as from periphery. The analysis rests on the narrative of Tomlinson, from England aboard a ship leading equipment for the Madeira and Mamore railroad, which manifests characteristics of colonial culture, discrediting the Amazonian and local enterprises while it reaffirms the characteristics of blood and purebred British lineage. Rollins' narrator, by his turn, penetrates the Amazon jungle to the rescue through a narrative which dominates the mysterious and exotic that expresses cultural predominance of Americans who are always ahead of native knowledge and initiatives to solve conflicts and dangers in the Amazon jungle, strange space to their habitat. Finally reveals a monitoring network by way of inspecting the environment, but it serves as spy arm in any way for the benefit of such state alien. Both works filled with evidence of the imposition of the culture casting discredit on the other's culture as a way to justify colonial and imperialist enterprises exercised against them. The similarities are numerous, differences are few. One has to ask: only an energetic disruption could deconstruct departmentalization center / periphery, metropolis / colony?

Keywords : colonial - postcolonial - subaltern - inferiority - racism

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO.....	3
HOMENAGENS E AGRADECIMENTOS.....	4
EPÍGRAFE.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1. MÉTODO E JUSTIFICATIVA.....	15
1.1 – REFERENCIAL HISTÓRICO MITOLÓGICO.....	22
1.2 – EVIDÊNCIAS ETIMOLÓGICAS.....	28
1.3 – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS.....	29
2 – PENSAMENTO COLONIAL.....	30
3 – VISÃO PÓS-COLONIAL.....	34
4 – LITERATURAS DE VIAGEM.....	46
5 – THE SEA AND THE JUNGLE – H. M. TOMLINSON.....	51
5.1 – ROTA DE NAVEGAÇÃO.....	52
5.2 – EVIDÊNCIAS E MARCAS COLONIAIS.....	53
6 – AMAZONIA – VISTA POR JAMES ROLLINS CEM ANOS DEPOIS....	69
6.1 – DESBRAVANDO A SELVA.....	69
6.2 – EVIDÊNCIAS E MARCAS COLONIAIS.....	73
CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

Que diferença um século faz? Um século aproximado, do ano de 1912 ao ano de 2002, o interregno entre as publicações de *The sea and the jungle*, de Tomlinson e *Amazonia*, de Rollins. Existem diferenças, persistem as similitudes entre os olhares de dois narradores, um do século XX e outro do século XXI, expressos no curso de suas literaturas de viagem, referentes à alteridade, às culturas diversas daquelas do eu-viajante de seus autores empíricos? Quais são suas características?

Elaboramos o trabalho para investigar estes parâmetros com relação às pegadas, aos indícios e quaisquer marcas culturais que caracterizem o viés colonial formativo de um pensamento subalterno, de um complexo de inferioridade que mantenha hegemônico o poder conquistado pelos países que venceram a segunda grande guerra, com especialidade a Inglaterra e Estados Unidos, expressos pela nacionalidade dos autores sob análise.

Esta é uma revisão de literatura, na linha dos estudos da **Literatura, outros Saberes e outras Artes (LSA)**, realizada através de pesquisa bibliográfica utilizando elementos da teoria pós-colonial para desvelar a ideologia colonizadora embutida nas marcas expressas nas narrativas citadas. Evidenciamos ao longo dos textos os excertos que contivessem as marcas coloniais e os associamos aos esclarecimentos teóricos do pós-colonialismo.

Pudemos constatar que são poucas as diferenças, mas muitas as semelhanças numa complexa teia ideológica que se dissemina desrespeitando as normas internacionais que asseguram os direitos dos povos de serem respeitados em sua alteridade, soberania e liberdade; e de poderem preservar seu patrimônio cultural, sócio ambiental e territorial.

São estas as diferenças evidenciadas nas obras com relação ao estilo literário: *The sea and the jungle* está incluso nas literaturas de viagem com suas descrições do ponto de partida, a narrativa da viagem empreendida, da chegada e da volta, em modo cronológico. Já *Amazonia* inicia em meio aos

acontecimentos (*in media res*) voltando para inteirar o entendimento dos fatos e após isso, seguindo com o desdobrar das ações em sequência vertiginosa e intermitente. Esta se aproxima mesmo do gênero da ficção científica quando se utiliza dos avanços em pesquisa genética, porém seus vãos na tecnologia de telecomunicações e em sua utilização para captar dados e informações através de satélites e outros equipamentos, ultrapassando os direitos de privacidade e soberania das nações, se mostrou além da ficção, uma antecipação da realidade, dos fatos que vinham a ser revelados no espaço de 5 anos após a sua publicação.

Com relação à geopolítica, neste espaço de um século das publicações, o foco de poder se deslocou da nação de Tomlinson, o Reino Unido - hegemônico no período anterior à primeira grande guerra, enriquecido, sustentado e mantido por suas colonizações na África e Ásia - indo para a nação de Rollins, os Estados Unidos, que alçou ao poder, conquistou e manteve a hegemonia desde o término do segundo grande conflito mundial.

As semelhanças estão em todo o arcabouço de instrumentos e políticas utilizados para impor padrões culturais próprios e com isso aparentemente querendo obter, em futuro próximo, domínio sobre a Amazônia, em sua territorialidade, englobando o conjunto de riquezas naturais que detém, desde a biodiversidade até os aquíferos amazônicos, os maiores reservatórios do mundo em água potável.

Outras semelhanças se apresentam metafóricas, analógicas, simbólicas, tanto aludidas, sugeridas, quanto, até mesmo, explicitadas. Como não poderia deixar de ser, em obras sobre a maior floresta equatorial do mundo, analogias similares são feitas pelos narradores utilizando a imagem da árvore, desde os primórdios da civilização, representando o fluxo da vida, com seus galhos a significar alternativas para o livre arbítrio entre o bem e o mal.

A pena de Tomlinson descreve a Samaúma como uma das maiores árvores amazônicas, de copa achatada e um pouco desfeita, uma das árvores

chamadas também de *sapopemba*¹, pela presença de uma raiz angulosa, que serviria como instrumento de comunicação na floresta. Ao ser percutida tem som de tambor que se pode escutar ao longe. Foi utilizada antigamente pelos índios e hoje ainda o é pelos habitantes da floresta quando precisam sinalizar sua localização. Descreve também o próprio rio Amazonas como sendo “o tronco de uma árvore gigantesca. Seus tributários e subafluentes são seus galhos tortuosos; os povoados são frutos que brotam nesses galhos” (p. 224).

O narrador de Rollins revisita as “lendas” amazônicas quando em sua ficção descreve a árvore Yagga e a dependência que os animais e seres humanos têm de suas propriedades nutritivas e terapêuticas. A ficção correlaciona-a com as chamadas árvores-formiga. São árvores e arbustos que possuem em seus galhos canais onde as formigas podem se alojar. Estas em troca destroem toda a vegetação próxima à hospedeira, eliminando-lhe a concorrência por nutrientes e água do solo. A árvore Yagga por sua vez pode ser vista como a representação da dependência entre a metrópole e a colônia, onde aquela facilmente cede a esta financiamentos, insumos e cultura de forma a gerar uma necessidade que logo em seguida deverá ser custeada por meio do fornecimento de insumos agrícolas, minerais etc tornando a colônia dependente daquela metrópole.

Tomlinson cita inúmeras vezes o jardim do Éden, a paisagem edênica comparando-a à floresta amazônica. Já Rollins faz analogias entre a árvore Yagga e a árvore do bem e do mal, proibidos seus frutos aos nossos primeiros pais. Yagga era localizada nas terras da tribo dos Ban-Ali. Esta uma palavra composta em seu primeiro termo por *ban*, que em inglês faria sentido como *proscrito*, *proibido*, *banido*, pela distância em que se encontra dos centros urbanos, em um vale escondido, onde se encontram espécimes da fauna e flora que poderiam estar presentes nas priscas eras do cretáceo, e que pelo fecho de sua narrativa de certa forma amaldiçoou seu povo, que foi destruído pelo interesse das corporações farmacêuticas. Disto tudo ainda resulta a

¹ "Sapopemba" é um nome tupi que significa "raiz angulosa, com protuberâncias", através da junção dos termos *sapó* ("raiz") e *pem* ("anguloso, com protuberâncias").
Fonte: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/vocabulario.htm>

alusão a que os que habitam este jardim do éden, os brasileiros, serão também banidos para dar lugar àqueles que pretensamente têm proceder mais adequado, mais conscientes, e por isso mais civilizados.

Nesta busca pelas diferenças e semelhanças precisamos notar, anotar e descrever as marcas coloniais na trajetória do mar ao sertão rondoniense pelos narradores em suas respectivas obras, pois então, que sejamos guiados pelos próceres do pós-colonialismo, fundadores de uma visão desveladora, libertadora e aprofundada sobre as fórmulas utilizadas para manipular, dominar e se perpetuar na exploração de nações potencialmente ricas, mas menos avisadas e mais desprovidas economicamente.

O aporte teórico necessário ao estudo se refere aos instrumentos utilizados para detectar as marcas coloniais impressas na cultura, nos costumes e nos atos políticos, englobando as três fases: anterior à colonização, no caso de textos que construíam um imaginário para preparar as ações de conquista; durante a fase domínio e exploração; e após a colonização pela qual passou uma nação. Estes instrumentos saídos dos estudos culturais formaram a teoria pós-colonial que, embora evidenciada por Edward Wadie Said em sua obra *Orientalism*, publicada em 1978, já utilizava elementos de trabalhos mais antigos. Said analisou discursos literários, políticos e culturais desde textos elaborados pelos Cruzados, por Shakespeare e em literaturas de viagem que exploravam o exótico, o misterioso e outros, revelando um ponto em comum entre todos: os habitantes do mundo dito “oriental” eram representados como bárbaros, como o “outro”, neste caso, com o objetivo político de justificar a conquista destes povos, suas riquezas e seus territórios.

Neste estudo fomos guiados por Edward Wadie Said, em *Orientalismo e Cultura e imperialismo*; por Albert Memmi, em *The colonizer and the colonized*²; Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas* e *The wretched of the earth*³; Mary Louise Pratt, em *Imperial eyes*⁴; e ainda outros citados ou referenciados.

² *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, Albert Memmi, Editora Paz e Terra;

³ *Os deserdados da terra*, Frantz Fanon, Editora UFJF (da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG);

⁴ *Olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, Mary Louise Pratt, EDUSC.

O espectro imagético associado à Amazônia e à proposição de sua própria designação é formado por nuances das mais diversas fontes, onde destacamos as de caráter mítico, mitológico, geopolítico, preconceitual e até científico. Desta forma, para mostrar sua importância ao longo dos cinco séculos de sua descoberta/exploração, por exemplo, como fonte de riquezas, alinhavamos os principais fatos geradores deste imaginário, elencando autores e feitos, de forma que pudéssemos formar um painel elucidativo da importância que se atribuiu à Amazônia antes mesmo que se constata-se a existência de suas riquezas.

Aspectos da política colonial serão evidenciados, seguindo-se aportes teóricos formadores do pensamento pós-colonial, de modo que ao nos depararmos com os textos do *corpus* do estudo o nosso olhar e entendimento já estarão alertas para discernir qualquer viés ideológico adicionado aos enunciados nas literaturas enfocadas.

Na primeira seção estão o método e a justificativa do estudo, que se compõe de uma revisão de literatura, um estudo comparado entre as duas obras *The sea and the jungle* e *Amazônia* utilizando como aporte a teoria pós-colonial especificamente com base nos trabalhos de Said, Fanon, Memmi e outros. O que justifica este trabalho é o desejo de verificar a ocorrência de uma visão colonial expressa nas literaturas de viagem escritas por estrangeiros sobre a Amazônia, embutidas nestas duas obras publicadas no interregno de um século, comprovando suas diferenças e similitudes. Pela importância do imaginário que persiste sobre a Amazônia abordamos suas referências histórico mitológicas, evidências etimológicas e arqueológicas por entender que muito antes de se testificar as riquezas contidas no espaço amazônico, este já atraía a auréola, o lustro do mistério motivando as inúmeras expedições que mandadas foram.

Na segunda seção nos move revelar o pensamento colonial dos europeus a tratar estas terras como seu quintal, explorando suas riquezas, não se detendo mesmo frente à destruição dos povos e culturas auto-sustentáveis que encontraram.

Na terceira seção a visão pós-colonial é descerrada, apresentando-se Edward Said e sua compilação de observações de marcas coloniais impressas na literatura, política e na própria ciência ao longo dos tempos, a guiar seus rumos, de forma a garantir que os novos costumes fossem sempre considerados menores perante a velha cultura europeia, pretensa detentora do padrão cultural dos civilizados.

Na quarta seção é aberta a biblioteca dos textos fundadores da ciência e do conhecimento de mundo em forma de literaturas de viagens. Este enfoque visa esclarecer a importância da utilização que se fez das viagens e seus relatos para a construção do mundo atual e que mesmo nos dias atuais a literatura de viagens tem potencial para influenciar o pensamento da sociedade.

Na quinta seção embarcamos no navio de Tomlinson, renomeado por seu narrador de S.S.Capella, rumo à travessia do mar e das selvas amazônicas. Traçamos sua rota de navegação sintetizando seu périplo viageiro, rastreando e identificando as pegadas colonizadoras com que foram descritas a cultura local do amazônida, com quem se deparou um século antes de nossos dias.

Na sexta seção é Rollins quem nos conduz em ilusória viagem com sua ficção científica e elementos constituintes da realidade atual. Desbravamos a selva que descreveu, de forma a fornecer um panorama, uma contextualização da trama, que a seguir recortamos e suas marcas coloniais evidenciamos.

A conclusão a seguir é aquela em que indagamos, perante diferenças entre as obras secularmente separadas e suas semelhanças, como se poderia desconstruir a visão colonizadora das culturas que se arrogam superiores e insistem em sua visão estática, ou talvez mesmo extática, face ao imperialismo e à exploração que tanto admiram, pois mesmo com a passagem dos tempos permanecem com seu *modus operandi* minimizando as perdas que a própria humanidade e a cultura universal sofrem frente às políticas de expropriação econômica e territorial que infligem a povos e nações outras. Se existiria um outro modo ou somente através de luta armada, como já indagava Fanon na década de 1960, de resgatar o valor próprio de cada nação, cultura e gentes.

1 – MÉTODO E JUSTIFICATIVA

[...] Por onde começar? Pelo começo mesmo. Iniciemos do princípio, dirão depois os filósofos a formular o início de suas obras. De modo que o *início da narrativa* do fato é posto pela *narrativa do início* fatural que o principia. Assim se determina a *arché* da narrativa a formular o princípio arqueológico.

[...] Alcançada a origem por tal encadeamento regressivo tecido pelo proêmio, este termina e pode bem começar a narrativa mesma, segundo a progressiva sucessão dos acontecimentos que compõe o fato narrado (PIRES,2006; pp 273 e 274).

Tucídides, ao lançar as bases da historiografia, há 2.500 anos, desejava ser imparcial relatando os fatos de modo conciso e explicando-lhes as causas, mas “acabou por conformar as proposições de sua história no e pelo quadro do pensamento mítico” (PIRES, 2006). Relata-se a história, narram-se as ações e reações, e se descreve a trama que urdiu todo o acontecimento, mas deste complexo e minudente esforço ao final restará um amálgama de fatos, personagens e feitos descritos, narrados, relatados sob influência do arquétipo mitológico, das ideologias e do olhar da cultura pessoal, pois cada indivíduo se compõe pela imago, pelos ideais e por sua experiência vivida. Na imago está a força movedora que nos impele a enfrentar o desconhecido e buscar poder solucionar o que nos aflige, e conquistar, por fim, um patamar de destaque no Olimpo social. Na ideologia as ideias, doutrinas e visões de mundo, que de uma acepção básica podem se tornar instrumento de dominação e mascaramento da realidade, e todo este arcabouço/arrazoado é ainda manobrado pelo resultado dos erros e acertos pelos quais passou o (sobre)vivente. Além destes, elementos outros, tais como a densidade e diversidade cultural envolvidas na origem e formação étnica e político-geográfica de um povo e sua nação:

[...] escrever história é também exercer escolhas. E escolher nem sempre é submeter os fatos aos caprichos do narrador. Porque selecionar é uma contingência, não a mera escuta de um eco débil que vem do passado. Especialmente quando estamos falando de Amazônia, um tema com tantos protagonistas diferentes e de sociedades diversas, que não pode ser interpretado de um só ponto de vista (SOUZA, 2009, p.14).

Duas obras, focadas na Amazônia brasileira, foram lidas, examinadas, coligidas e referenciadas para que se pudesse recolher, caso existissem, marcas coloniais embutidas nestas narrativas de viagem escritas por

forasteiros, com intervalo de um século entre elas. Verificamos de que forma e quais são os elementos discursivos que se distinguem sob o olhar de um jornalista britânico no início do século XX, TOMLINSON, Henry Major, em sua obra *The sea and the jungle*, publicada em 1912 e quais foram as características escolhidas pelo escritor estadunidense, especializado em literaturas de viagem e romances de aventura, ROLLINS, James, para constar em sua obra *Amazonia*, publicada em 2002, ambas em inglês.

Nosso trabalho, na linha dos estudos da **Literatura, outros Saberes e outras Artes (LSA)** é uma revisão de literatura, realizada através de pesquisa bibliográfica utilizando elementos da teoria pós-colonial para denunciar a retórica embutida de forma sub-reptícia para influenciar o leitor, em especial o amazônida, desconstruindo-o como ser pensante, ao insuflar-lhe um pensamento de inferioridade ao evidenciar o desconhecido e o exótico, como querem ver alguns, no espaço geográfico e na cultura amazônica. Tal intento objetiva alimentar a hegemonia dos governos mais economicamente providos e dar cabimento a possíveis agenciamentos de poder e utilização da força com o argumento da defesa da ecologia, sob a bandeira de alegados direitos da humanidade. Direitos estes não reconhecidos quando da dizimação étnica e do exaurimento da ecologia em seus próprios países, na fase de expansão e afirmação de suas fronteiras e que agora utilizam como argumento, querendo impor políticas sobre nosso território ainda preservado em sua natureza, sob o qual não têm domínio, desconstruindo, desacreditando e depreciando nossa soberania em função de um suposto pertencimento internacional ou transnacional.

A maioria dos argumentos é passada de forma subliminar, mas o pensamento e o desejo, de considerar a Amazônia um espaço compartilhado pela humanidade e gerenciado por organismos internacionais, é de tal forma tão presente que alguns deles já são enunciados claramente.

Desta maneira, o caráter de se expandir além das fronteiras, tanto do eco-sistema amazônico quanto dos efeitos das práticas ambientais predatórias na região, tem evidenciado a necessidade de que instituições internacionais controlem o uso e o gerenciamento dos recursos naturais da Amazônia. *Amazônia como questão de política internacional: Problemas e oportunidades para desenvolvimento*

institucional. Encontro em Miami – Flórida/USA, de 16 a 18 de março de 2000 (ROMAN, 2000).⁵ Tradução nossa.

A Professora Ana Pizarro, da Universidade do Chile, naquele mesmo ano de 2000, já nos alertava de que

há um movimento de interconexão das organizações sociais que tenta acabar com a noção de fronteira, ao mesmo tempo em que busca homogeneizar mensagens, padrões de consumo, representações e valores que afetam a construção dos modos de dizer dos países que vivem sob esse processo de acercamento territorial (PIZARRO, 2000).

Para além do caráter mercantilista e imperialista Frantz Omar Fanon já na década de 1950 notava a existência de “um fenômeno psicológico que consiste em acreditar em uma abertura do mundo na medida em que as fronteiras, cada vez mais, perdem a importância” (2008, p.36). Motivos sobejaram após a segunda grande guerra, através de acordos após a rendição, com partilha de países, anexação de territórios e ocupação militar de estados nacionais.

Ações levadas a efeito através de instituições públicas, transnacionais, apoiadas por nações interessadas em dominar espaços geográficos potencialmente ricos ocorrem recorrentemente, contudo, estas ações precisam ser mantidas por uma pregação doutrinária, um discurso ideológico que se propague através da imposição de um padrão cultural. Em nosso estudo verificamos a aplicação deste discurso no campo das artes literárias onde poderia gerar novas formas de pensar, alterando os padrões originais dos sentimentos de povo, nação e soberania, por exemplo, disto tudo resultando a facilitação para a formação ou identificação com um pensamento de inferioridade, que nos coloque como o *outro* que deverá ser tutorado, como uma periferia sobre a qual deverá governar um centro, uma metrópole, da qual deveríamos esperar que nos salvasse de nós próprios.

O discurso é o caminho de uma contradição à outra: se dá lugar à que vemos, é que obedece à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições: é mostrar o jogo que nele elas desempenham (FOUCAULT, 2013, p.186).

^{5 5} Thus, the transboundary character of both the Amazonian eco-systems and the effects following from predatory environmental practices in the region has highlighted the need for international institutions regulating the use and management of the Amazonian natural resources. Mikael Roman - **Amazonia as an International Policy Issue: Problems and opportunities for institution building**, Miami, march, 16/18, 2000).

O discurso não só representa o mundo, sua ação o constrói através do direcionamento intertextual, da movência de sentidos nas práticas discursivas, da utilização de representações convenientes, ocultando outras, produzindo por fim uma vontade de verdade que sirva a seu propósito ideológico. Neste intertexto são inseridas as propostas de significados, muitas vezes de modo oculto, implícito, dissimulado, por isso nosso olhar deve ir além das estruturas lingüísticas, a campos outros onde se possa descortinar o pensamento, o sentimento e a ideologia que está embutida entre a língua e a fala.

No discurso literário queremos recolher as marcas, os elementos políticos/ideológicos que expressam a intenção de um viés colonial, a impor um padrão cultural alienígena constituído de forma a parecer superior ao amazônico neste caso, e que se manifesta através de um conteúdo racista, preconceituoso, discriminatório, antinacionalista, que somente exalta a cultura que chega, seu povo e seus interesses, justificando decisões lesivas, aéticas e ilegítimas, desrespeitando cultura, povo e nação.

Edward Wadie Said, precursor da teoria pós-colonial utilizou em suas análises obras diversas, no tempo e estilo, tais como textos da época das Cruzadas, épicos de Homero, peças do teatro de William Shakespeare, obras de Gerard de Nerval, Gustave Flaubert (*Salammbô*), Rudyard Kipling (*The jungle book*), Sir Richard Francis Burton, Joseph Conrad (*Heart of Darkness*), delas reunindo as evidências do fabrico de um Oriente, baseado não em fatos e estudos, mas calcado sobre concepções e fantasias, tão necessárias à montagem de um cenário desejado. Através da descrição do Oriente como o “outro”, exótico, misterioso e bárbaro é que se estabeleceram parâmetros para em contraponto descrever o Ocidente como propagador dos avanços da civilização etc. Este discurso político com relação ao Oriente serve perfeitamente a outras realidades, outras nações e outros povos que se permitiram à colonização.

Com a publicação de *Orientalism*, Edward Said lançou as bases da Crítica Cultural, engendrada nos Estudos Culturais e crítica literária, que veio a ser conhecida como Pós-Colonialismo que chamava a atenção para a existência de um discurso colonialista empregado para manter a hegemonia de nações

desenvolvidas, especialmente Inglaterra, França e Estados Unidos da América sobre os países colonizados desde as grandes navegações e outros que foram submetidos através de guerras, conflitos ou artifícios da exploração econômica. Usando para tanto a criação de *Outro* colonizado, periférico, marginalizado em contraste com o *Eu* colonizador, central, colocando-se como tutor natural daquelas alteridades culturais, assim então julgadas subalternas. Todo este discurso é baseado não em fatos e na realidade, mas recheado de preconceitos e mitificações, tomando por iguais os indivíduos de todas as culturas orientais.

O Orientalismo se expressa através de um discurso embutido nas diversas manifestações culturais, saberes e representações, entre as quais a expressão literária, nosso foco, por isso ofereceu a Said as condições de estudá-lo com o emprego da Análise do Discurso conforme descrita por Foucault em *Arqueologia do saber*, que evidenciamos aqui, além de outras obras e autores:

Uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis [...] Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído, [...] como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? [...] Esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, [...] trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos (2013, p.33).

Ao fazer uma escavação nos textos literários, intenta-se, para além dos elementos lingüísticos, desvelar a influência do contexto social em que o narrador estava imerso e a memória discursiva supridora dos elementos que utilizou para introduzir, impor e manter uma concepção ideológica que culminasse com seus objetivos hegemônicos coloniais. Conhecer assim de onde se posiciona o olhar dos narradores destes autores-empíricos estrangeiros, que mesmo ocultos sob a *persona* de narrador não têm controle sobre a produção de sentido e o alcance de seu enunciado após a publicação de suas obras.

O Orientalismo, assim classificado por Said, tem o significado, entre outros, de uma instituição

autorizada a lidar com o oriente, fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo, ensinando, colonizando e mesmo governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 2007, p.29).

Uma disciplina sistemática por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar, e até produzir, o Oriente, política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente durante o período do pós-Iluminismo. E o fez de forma tão eficaz que esta ideologia limitou o pensamento e as ações com relação a tudo que se escrevia, pensava ou agia sobre o Oriente, propiciando que a própria cultura europeia ganhasse força e identidade ao se contrastar com o Oriente, visto como uma espécie de eu substituto e até subterrâneo (SAID, 2007, p.30).

A este *Orientalism* - estudado por Edward Wadie Said com relação ao viés formador do Oriente na visão desejada pelo imperialismo europeu - juntam-se diversos textos básicos tais como *Pele negra, máscaras brancas*⁶, *Os deserdados da terra*⁷, de Frantz Fanon, *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*⁸, de Albert Memmi, e tantos outros, fundamentando a teoria pós-colonial, que revelam a motivação colonialista nos textos e ações que lidam com a alteridade e envolvem as dicotomias recorrentes de centro e periferia, colônia e metrópole, eu e o outro, por todos os lugares onde a relação de poder se apresenta de forma descompensada. Se no início do Século XX a supremacia europeia se destacava na França e Grã-Bretanha, a elas juntam-se os Estados Unidos da América como centro hegemônico de poder, já a partir da segunda grande guerra.

A propósito, o termo *imperialismo* será utilizado no texto, embora saibamos que precisaríamos de inúmeros trabalhos científicos para desvendar suas

⁶ *Peau noire, masques blancs* (1952). Utilizamos o livro na versão em português.

⁷ *Les damnés de la terre* (1961). Utilizamos o livro na versão inglesa e todos os excertos citados foram por nós traduzidos.

⁸ *Portrait du colonisé précédé du portrait du colonisateur* no original, Edições Buchet/Chastel, Corrêa, 1957. Utilizamos o livro na versão inglesa e todos os excertos citados foram por nós traduzidos.

polissemias e implicações consideradas hodiernamente, como ensina Edward Wadie Said em seu *Cultura e imperialismo*⁹:

As ideias de [Thomas Stern] Elliot acerca da complexa relação entre o passado e o presente são particularmente sugestivas no debate sobre o sentido do *imperialismo*, palavra e idéia hoje tão controversas, a tal ponto carregadas de todo tipo de questões, dúvidas, polêmicas e premissas ideológicas que se torna difícil usar o termo (2011, p.36).

Pela necessidade e envolvimento com o colonialismo não poderemos prescindir de utilizá-lo, mas o faremos na medida da necessidade, que para nosso estudo se restringirá ao mesmo escopo já tão bem delimitado por Said naquele texto:

Estão em jogo territórios e possessões, geografia e poder. Tudo na história humana tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios e, portanto, precisaram fazer algo em relação aos habitantes nativos. Num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros (2011, p.39).

Eis que a teoria pós-colonial se debruça sobre a literatura para ilustrar os mecanismos movedores do imperialismo, colonialismo e ideologias raciais, pois “esta luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações” (SAID, 2011, p.40).

Soldados e canhões são os braços e pernas do colonialismo, mas a cabeça que lhes impulsiona se alimenta destas ideias, formas, imagens e representações. Eis aqui o papel formador do imaginário ideológico, que se supre através da língua, literatura e cultura. Cientes disso tudo voltamos nossos olhos para o *corpus* desta pesquisa.

Investigamos as obras de literatura de viagem de Tomlinson e Rollins buscando, em seus discursos, desvelar a conjuntura sócio-histórico-ideológica de onde se baseiam para exprimirem, em sua prática discursiva, a formação ideológica que os motiva, para então, analisar os sentidos conferidos e os efeitos de sentido obtidos, que nos revelem, por fim, as pegadas, as marcas coloniais, fruto do fardo sócio-histórico que, nestes casos, ambos conduzem de

⁹ Culture and imperialism. Utilizamos o livro na versão em português.

mercantilismo e imperialismo, desde as expansões territoriais ultramarinas do Século XV.

Ficções imperiais estão profundamente implantadas no colonialismo de outra maneira importante. Temos considerado alguns exemplos de textos históricos, antropológicos e literários que precederam e fortaleceram a conquista e a colonização e aqueles subsequentemente escritos nos locais da colonização que conspiraram na manutenção e continuidade do empreendimento colonial. [...] Pois é para todo este campo discursivo complexo embutido nos textos que operam nos mundos coloniais e pós-coloniais, que as estratégias interrogativas e desconstrutivas [...] são endereçadas (BRYDON & TIFFIN, 1993, p.47). (Tradução nossa)

1.1 – REFERENCIAL HISTÓRICO MITOLÓGICO

O marco em que se movem os imaginários do conquistador começa com a condição 'paradisiaca' que se atribuem às Índias a partir das viagens de Colombo. O atrativo das 'terras incógnitas' como espaço disposto para o desenvolvimento da fantasia, onde se projetaram os fantasmas cultivados pela Idade Média européia como suas expectativas, as tradições culturais do mundo renascentista revitalizando o imaginário da antiguidade Greco-latina, a convenção literária dos motivos edênicos, entre outros (BUARQUE DE HOLANDA, 1992, p.84).

A descoberta de Colombo do 'novo mundo' foi menos uma genuína descoberta que uma reinscrição daquele arquivo doméstico dentro do qual a diversidade já tinha sido interpretada e reconhecida, isto é, capturada e encerrada (BRYDON & TIFFIN, 1993, p.42). (Tradução nossa)

Quando aportaram na Amazônia, os navegadores, ao se depararem com a floresta, os grandes rios e as possibilidades de obter riquezas minerais, especiarias, essências florestais e outras, logo associaram o novo mundo a um pensamento edênico de que neste continente resolveriam seus problemas. Ao se depararem com as índias guerreiras, às quais, após o século XVI foram denominadas *Icamiabas* - mulheres sem marido - associaram-nas àquelas Amazonas enaltecidas pela tradição oral e anotadas por Homero, na *Ilíada*, no Século VIII a.C. E assim, encontraram na mitologia o cenário ideal com que alimentar a curiosidade e a cobiça de seus patrocinadores. Desta maneira percebemos ter acontecido com a imagem que se desejou sobrepor aos rios, banhados, terras-firmes, matas e às etnias indígenas nativas do Pindorama: dos seres mitológicos associados a imensuráveis tesouros, disponíveis a quem quer que estenda a mão para tomá-los.

Com o objetivo de mostrar as marcas da mitologia desde os primórdios da nação brasileira, com especialidade do mito que foi utilizado para denominar o

grande rio e seu vale, o das guerreiras Amazonas, no pensamento ocidental, faremos uma compilação de trechos escritos e descritos em obras históricas de antanho aos dias atuais.

É o imaginário, mais que fatos e dados, quem produz nossas primeiras e mais marcadas impressões sobre tudo que não conhecemos. Seu estofo são os mitos, as lendas, o fantástico, o misterioso, os anseios, os temores e a imago, de que fomos alimentados em nossa primeira infância e adolescência. Deste caudal resultará a profusão das cores culturais que perceberemos nos fatos de nossa vida.

Nas imagens fantásticas da mitologia estão amplamente refletidos os traços reais do mundo circundante. [...] porque todas as realidades sociais e naturais que tenham o mínimo de importância devem estar radicadas no mito, encontrar nele as suas fontes, a explicação e a sanção. Em certo sentido todas elas devem ter o seu mito. (MIELIETINSKI, 1987, p.198)

A biblioteca imagística que se formou com relação à bacia do rio, mitologicamente denominado, das Amazonas, pelos povos ultramarinos do setentrião (hemisfério norte) vem sendo coligida desde o nominado descobrimento do Brasil, com adesões às narrativas orais coletadas por Homero (Século VIII a.C.) na *Ilíada*, e Heródoto (484 a.C. - 425 a.C.) em sua obra *História*.

Os mitos dos heróis culturais devem explicar a gênese social e cosmológica, pois esses personagens modelam a comunidade tribal ou a sociedade humana. (MIELIETINSKI, 1987, p.265)

Homero, no Canto III da *Ilíada*, descreve o velho Príamo, saudando a Agamémnone, de quem admira o porte imponente:

- Ó venturoso Agamémnone, filho dileto dos deuses, que sobre tantos guerreiros Acaios o mando exercitas! Já estive, certo, na Frigia, região de vinhedos famosos, onde um sem número vi de nativos heróis cavaleiros, homens de Otreu e de Mígdone, herói semelhante a um dos deuses, que nesse tempo acampavam nas margens do rio Sangário. **Como aliado tomei, também, parte com eles na guerra contra as viris Amazonas, no dia em que aqui elas vieram.** (grifo nosso) (HOMERO, 2009)

No Canto VI da *Ilíada*, Glauco, filho de Hipóloco, narra a galhardia de seus antepassados ao valoroso Diomedes, príncipe de Argos, filho de Tidida, em resposta à sua indagação:

- Homem de grande valor, de que estirpe mortal te originas? [...] (Pois) se um dos deuses tu fores [...] não quero em combate medir-me. [...] Disse-lhe, então, em resposta o preclaro rebento de Hipóloco: - Grande Tidida, por que saber queres a minha ascendência? As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores, que, umas, os ventos atiram no solo, sem vida; outras brotam na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa. Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira. Já que desejas, porém, conhecer meus avós, vou dizer-te qual seja a minha progênie, por muitos, decerto, sabida. No centro de Argos, nutriz de cavalos, os muros se elevam de Éfira, sob o comando do mais astucioso dos homens, Sísifo, de Éolo filho; de Sísifo Glauco proveio. Belerofonte, o admirável, de Glauco a existência recebe.

E se estende a descrever as pelejas de Belerofonte, mandado a morrer na Lícia por Preto, rei de Argos, influenciado pela insídia de Antéia sua consorte. Mas, Belerofante foi ajudado pelo Rei da Lícia,

[...] que o sentido aventou dos fatais caracteres, primeiramente, a incumbência lhe deu de extinguir a quimera originária, não de homens mortais, mas de estirpe divina; era, na frente, leão; drago, atrás, e, no meio, quimera, que borbotões horrorosas de fogo lançava das fauces. Certo do amparo dos deuses, sozinho, ele o monstro aniquila. Teve, depois, de lutar contra os Sólimos fortes, sozinho, seu mais terrível encontro, segundo ele próprio o dizia. **Como terceira incumbência, destruiu as viris Amazonas.** (grifo nosso) (HOMERO, 2009)

Nestas citações da *Ilíada*, nascida da narrativa da ira de Aquiles em disputa contra Agamémnone - descrevendo um período de 50 dias, já no nono ano da guerra de Tróia, consumada na morte e enterro do Troiano Heitor - podemos ver sua principal característica, poética-lendária-mitológica, com voz narrativa grandiloquente, enaltecendo feitos que se desenrolam junto a formas de dragões e quimeras, com a participação direta dos deuses, num contexto formador da imago da civilização ocidental. O uso que se fizer de quaisquer de seus argumentos, personagens ou referências, encontrará correspondência nos traços funcionais e nas imagens virtuais arquetípicas, componentes do inconsciente coletivo, como o designou Carl Gustav Jung, e comuns a todos os seres humanos, por isto mesmo sendo terreno fértil onde proliferar e frutificar o discurso desejado.

Heródoto narra longas batalhas travadas contra as Amazonas até que estas pudessem ser derrotadas pelos exércitos gregos, às margens do rio Termodonte, e aprisionadas em grande número. O espírito belicoso que possuíam as fez se libertarem e desembarcarem na Cítia, tendo posteriormente coabitado com jovens Citas, que se tornaram nômades também, perambulando

pelas estepes (no território europeu da Rússia dos dias atuais) entre os rios Don e Volga, dando origem ao povo Sauromata. Após a invasão dos Sármatas, por seu nomadismo e sobrevivência, as Amazonas se espalharam por diversas regiões, tendo também se misturado a eles.

Os historiadores Magasich-Airola e Marc de Beer¹⁰ trazem de Hipócrates (Século V a.C.) e Diodoro da Sicília (Século I) a referência a que estas mulheres somente usavam os homens pra procriar. Se vingasse criança do sexo masculino era entregue aos pais, se fosse feminina “ficava com a mãe e era instruída no manejo do arco, do machado, do escudo, do dardo e na arte de cavalgar em pelo ou sobre uma pequena manta”. (2000, p.158).

Na *Eneida*, Virgílio conta que a mais famosa rainha das Amazonas invade a Frigia para socorrer Príamo: [...] “armada de escudos em forma de lua, a ferosa Pentesileia; os seios descobertos e sustentados por uma correia de ouro, a heroína brilha por seu ardor no meio dos combates e ousa se medir, virgem, com os guerreiros”. (1965, p. 43)

Na mitologia grega são narrados dois enfrentamentos de Hércules com as nações das Amazonas: em uma batalha se apodera do cinto de Hipólita e na outra, derrota, na África, as guerreiras da rainha Myrina que dominavam os núbidas, etíopes, górgones e atlantes.

Em sua *História Natural*, Plínio, o Velho, (Século I) cita: “em seguida vem as Pandes, a única nação da Índia governada por mulheres: conta-se que Hércules teve apenas uma filha e que essa filha, por essa razão a mais querida, recebeu o reino principal. Sua descendência reina sobre 300 cidades, 150.000 soldados e 500 elefantes”. (1947, Livro VI)

Calístenes de Olinto, mais conhecido por Pseudo-Calístenes (Século III), sobrinho de Aristóteles e historiador de Alexandre, o Grande, escreveu em dez

¹⁰ Jorge Magasich-Airola, chileno, professor do Institut de Hautes Etudes des Communications Sociales, de Bruxelas e Jean_Marc de Beer, natural de Anderlecht (Bruxelas), professor do Institut de Radio-Électricité et de Cinématographie (INRACI) de Bruxelas,

volumes o que ficou conhecido como *Romance de Alexandre*, onde cita contatos entre Alexandre e as Amazonas, através de Candaulo, filho da rainha da Etiópia, que o faz adentrar as terras das mulheres guerreiras, onde ocorre troca de mensagens. Em uma longa carta, Alexandre enumera os povos que dominou, escravizou e destruiu, mas que a elas somente queria visitar. Elas, nada assustadas, também lhes relatam seus feitos:

Das mais poderosas e importantes das Amazonas a Alexandre, saudações. Nós te escrevemos para que saibas o seguinte, antes de atacar nossos territórios, a fim de que não fracasses de maneira desonrosa. [...] Vivemos do outro lado do rio amazônico, e no interior deste, em uma ilha no meio de seu curso. O perímetro de nosso país forma uma circunferência que levarias um ano para percorrer: o rio não tem nem fonte nem fim. E só tem uma entrada. Somos 270 mil jovens armadas que o habitam. Entre nós não há nenhum homem. Eles moram do outro lado do rio e habitam terra firme. Celebramos todos os anos uma festa coletiva no curso da qual, durante 30 dias, sacrificamos cavalos a Zeus, Poséidon, Hefáistos e Ares. Todas aquelas que desejam perder a virgindade ficam com os homens. Todas as filhas que dão à luz nos são cedidas uma vez terminados 7 anos. Quando os inimigos se aproximam para atacar nosso país, saímos em número de 120 mil em expedição a cavalo, ao passo que as outras guardam a ilha. [...] Se uma de nós leva o cadáver de um de nossos adversários para a ilha, ela receberá ouro e prata e será mantida por toda a vida. Isto faz com que lutemos pela glória em si. Se vencemos nossos inimigos, ou se estes partem em debandada, fica-lhes a marca indelével de uma afronta vergonhosa; por outro lado, se são eles os vencedores, terão vencido apenas mulheres. (Pseudo CALÍSTENES)

Alexandre recebe permissão para visitar o país e leva consigo, designadas pela Rainha, cerca de 500 das suas melhores guerreiras para servir às suas ordens. Empolgado escreve à sua mãe, Olímpíada, descrevendo o país das Amazonas, na embocadura do rio Thermodon¹¹ [...] onde se localizava Themyscira, a capital

das mulheres que ultrapassam de longe a estatura das outras mulheres, possuem inteligência e astúcia, e são notáveis por sua beleza e seu valor; vestem-se com cores floridas, portam armaduras de prata e manejam os machados de guerra. Mas não têm ferro ou bronze. O rio é grande, intransponível e é povoado por uma grande quantidade de animais ferozes. (PSEUDO-CALÍSTENES, III, 25-27)

Durante a Idade Média, o catolicismo mais que impunha a ferro e fogo a “patriarcalização” do divino e olhava as qualidades imputadas às Amazonas com estranheza. O Deão¹² de Mainz, na Alemanha, Bernardo de Breidenbach, publica um livro intitulado *Viagem à Terra Santa* em que as afirmava serem

¹¹ Thermodon – Rio da região da Turquia atual, de aproximadamente 50 km de extensão, que deságua no Mar Negro.

¹² Deão – autoridade eclesiástica de posto hierárquico logo abaixo do Bispo e encarregado de coordenar assembleias e presidir o cabido (Corporação dos cônegos de uma catedral.)

“mensageiras do diabo e que sua rainha era a capitã das gentes imundas”. (GIL, 1989, p. 36). Assim logo passaram a ser consideradas assassinas dos meninos que lhes nasciam, não mais os entregando aos pais, pois criariam apenas as meninas para o treinamento bélico na continuidade de seus costumes.

No reino de Resmacoron, noroeste da Índia, Marco Polo relata, no capítulo 37 de suas *Viagens*, a existência de uma ilha habitada somente por mulheres e outra somente por homens.

Numa habitam homens sem mulheres, e ela se chama em sua língua ilha Macho, e na outra, ao contrário, habitam mulheres sem homens, e esta ilha se chama ilha Fêmea. Os que habitam estas ilhas formam uma comunidade e são cristãos. As mulheres nunca vão à ilha dos homens, mas os homens vão à ilha das mulheres e com elas vivem durante 3 meses consecutivos. Cada um mora em sua casa com sua esposa, e em seguida, retorna à ilha Macho, onde fica durante o resto do ano. As mulheres conservam seus filhos do sexo masculino até os catorze anos para em seguida enviá-los aos pais. As mulheres dão de comer à sua progenitura e cuidam de certos frutos da ilha, enquanto os homens conseguem alimentos para eles mesmos, seus filhos e suas mulheres. [...] Essa gente não tem rei, mas reconhece como senhor seu bispo, porque são submetidos ao Bispo de Scoiram, e possui sua própria língua. (SANTAELLA, 1987)

Marco Polo teria sido lido por Colombo, mesmo após a viagem do descobrimento, o que não o impede de ter ouvido antecipadamente a descrição das partes que lhe interessaram.

Os textos conhecidos como *Ymago Mundi*, de Pierre D’Ailly, - textos latinos de tradução francesa dos quatro tratados cosmográficos de D’Ailly e notas marginais de Cristovão Colombo - situam as guerreiras próximo à Armênia:

A Armênia é dividida em dois países diferentes: a Armênia superior e a Armênia inferior [...] A cidade principal deu seu nome à Capadócia. Essa província, situada na parte setentrional da Síria, toca a Armênia no Oriente, a Ásia Menor no poente, o mar Cimério e os campos Themiscirianos no setentrião (norte). É nesses campos que habitam as Amazonas. (D’AILLY, 1930).

Além de tantos outros textos e narrativas orais produzidos por viajantes e navegantes, cada qual a seu modo, a nação das mulheres guerreiras tornara-se real - os perigos que a circulavam, os seres exóticos, a estranheza de seu ambiente natural, tudo isto adornado pela presença dos tesouros incontáveis - palpitando e percutindo no entrecho onírico e vigil da vida da sociedade

européia, em seu desejo de volta ao jardim do éden, para resolução de todos os problemas.

O imaginário associado às Amazonas e seu fascínio se transporta ao meridiano (sul), nas palavras de historiadores belgas:

Todas estas cenas e todas essas paisagens permanecerão latentes na memória cultural europeia e atravessarão os séculos para ressurgir no momento em que um grupo de conquistadores empreende a navegação desse rio gigantesco que atravessa a floresta sul-americana. (MAGASICH-AIROLA & DE BEER, 2000, p.162).

1.2 - EVIDÊNCIAS ETIMOLÓGICAS

A palavra *amazona*, transliterada do Grego, por muito tempo foi considerada significar “sem seio”, pois as mulheres guerreiras desde jovens faziam por amarrar, ou cortar e cauterizar, um dos seios para melhorar suas habilidades na utilização do arco e flecha. Esta característica etimológica popular entre os gregos reconhecia no termo *Amazôn* a junção de *a = sem + mazos = seio*. Hoje em dia questiona-se esta crença por não se encontrar nem fontes literárias, nem imagens, relevos ou esculturas onde elas fossem mostradas com esta particularidade.

Homero, na *Ilíada*, classificou as mulheres guerreiras de *Antianeirai*, significando “aquelas que vão à guerra contra os homens”.

Hesíquio de Alexandria - gramático e lexicógrafo (século V), responsável por importante compilação de vocábulos incomuns e obscuras do dialeto grego – registrou o termo como originário da expressão Persa *amazakaran* “fazer a guerra”, ou do termo *há-mazan* significando “guerreiras”.

Na forma de *amazôn*, dos habitantes da Jônia - de onde se originaram os pensadores pré-socráticos e possivelmente foi a terra natal de Homero - era entendida com o significado de “lutando junto”.

A feminista alemã, autora de estudos sobre matriarcado, Heide Göttner-Abendroth revela em seu livro, *Matriarcado no sul da China*, a identificação do

termo *ama* com o matriarcado, em sentido figurativo, e a significação em sentido estrito com a palavra “mãe”, no dialeto dos Mosos, habitantes das margens do lago Lugu, no sudeste da China. A este povo que vive em sociedade matriarcal ainda nos dias de hoje, nem mesmo a revolução cultural da China conseguiu mudar seu antigo hábito de não permitirem casamentos. As mulheres têm liberdade sexual com quantos parceiros quiserem, podem ser proprietárias e transmitir tanto suas propriedades, de mãe para as filhas, quanto transmitir-lhes o nome de família. Não existe nesta comunidade a figura do pai nem a do marido, o tio - irmão da mãe - é quem faz o papel do pai.

Esta mesma raiz, *ama*, é encontrada em uma sociedade, primitivamente matriarcal, dos Berberes da África, na palavra *amazigh*, “mãe livre, mulher livre”, plural *imazighen*, “mães livres, mulheres livres”. Após a instituição do patriarcado passou a significar “gente livre, homens livres”.

1.3 - EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Entre as Amazonas, decantadas na literatura clássica, suas rainhas mais célebres foram Pentésiléia e Hipólita, esta possuidora de um cinturão mágico almejado por Herácles no nono de seus 12 trabalhos, como nos ensina a mitologia grega.

Mesmo em nossos dias ainda buscamos identificar as pegadas de espectros do passado. Em 1996, descobertas arqueológicas de 150 tumbas do Século V a.C. nas estepes Russas, próximo a Pokrovka, junto à descoberta de mais de uma centena de outras tumbas na região de Getas, na Bulgária, próximo à Turquia, mais ainda na Ilha de Creta e em 1999, pesquisadores asiáticos desenterraram mais de 30 esqueletos em cinco sítios de Phum Snay, noroeste do Camboja, todos eles femininos, denotando pela formação óssea, pernas encurvadas, a característica de quem monta com frequência desde tenra idade, braceletes de metal, espadas e outras armas, que não seriam colocadas junto ao corpo das guerreiras se estas não possuíssem papel de destaque social em suas comunidades. Estes fatos, corroborados por testes de DNA que identificariam certamente o sexo e outras características, mais os testes de

datação com carbono 14, vieram trazer materialidade à existência das amazonas, guerreiras equestres acreditadas habitarem somente as estepes mitológicas das narrativas ficcionais dos povos.

Por último, o pensamento metafórico mitológico é dotado de certa flexibilidade e liberdade, de sorte que a homologia da estrutura social e das configurações simbólicas pode ser bastante aproximativa, até mesmo transformada, invertida etc. (MIELIETINSKI, 1987, 198)

Eis que a ponta solta de um barbante logo pode ser amarrada na trama imagética europeia, provocando a curiosidade e a cobiça dos governantes e da burguesia, que logo abririam seus cofres para financiar as grandes navegações e a colonização. A Europa precisava de especiarias e outros produtos silviculturais, sua sanha por metais preciosos também era tamanha, ainda assim, o projeto de colonização precisava de uma apresentação que assegurasse o sucesso do empreendimento, é quando se apoderam do mito das Amazonas logo descrevendo seus avistamentos e as pelejas empreendidas pelos navegantes, para conquista de suas cidades e tesouros.

2 - PENSAMENTO COLONIAL

Desta trama resgataram as Amazonas, na descoberta de um novo mundo, o tropel identificado do universo onírico primevo, sempre desejoso de uma comprovação que o transportasse ao plano vivente, que do ficcional se materializasse. Um novo mundo, um novo continente, preenchido pelos seres imaginários, os tesouros encantados, e ainda mais, apresentando as soluções para os problemas enfrentados, como se os próprios deuses aqui habitassem e acessíveis se revelassem. Na urdidura do continente idealizado, juntam-se os tesouros valorosos sonhados e os seres vistos com exotismo para serem assim tecidos os liames do futuro com o substrato de um longínquo passado.

Nesta conjuntura é então que se personifica o mito, quando a expedição de Francisco de Orellana sofre o enfrentamento das índias guerreiras, denominadas, após o Século XVI, *Icamiabas*, “sem marido” ou *Coniupuiaras*, “grandes senhoras”. De onde por sua vez proveio a inspiração para se

denominar o grande rio Amazonas e seu vale, a Amazônia. A estas índias guerreiras, Frei Gaspar de Carvajal descreve como

muito alvas e altas, com cabelo muito comprido, entrelaçado e enrolado no alto da cabeça. São muito membrudas e andam nuas a pelo, tapadas em suas vergonhas. Viviam em casas de pedras com portas, agrupadas em 70 aldeias cercadas, pelas quais ninguém passava sem pagar tributos. Coabitavam com índios que capturavam em guerras que empreendiam apenas para este propósito. Ao engravidar, mandavam embora esses homens sem lhes fazer mal. Os filhos homens eram sacrificados ou enviados aos pais e as meninas treinadas para a guerra. Sua rainha se chamava Coñori e em suas terras havia grandes riquezas de ouro e prata, e 5 templos dedicados ao Sol, chamados Caranaí, com assoalhos e tetos pintados, além de inúmeros ídolos femininos de ouro e prata. Andavam com roupas finíssimas, fabricadas com a lã das ovelhas peruanas (alpacas): “Seu trajar é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante por uns cordões. Trazem o cabelo solto até o chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de 2 dedos”. Sua terra é povoada por camelos (lhamas) que servem de animais de carga e havia 2 lagos de água salgada. Ao anoitecer, todos os homens deviam retirar-se de suas cidades. (MAGASICH-AIROLA e DE BEER, 2000, p.)

A tradição oral entre os povos dos rios Negro¹³, médio Amazonas e Orenoco possui o mito comum da existência de mulheres guerreiras comandadas por uma matriarca.

Em seu relato intitulado *Relacion del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande de las Amazonas*, Gaspar de Carvajal – pertencente à Ordem dos Pregadores, fundada em 1216 por Domingos de Gusmão, na França, por isso conhecida como Ordem dos Dominicanos, que congregava religiosos e não monges, dedicados à pregação e conversão dos povos não-Cristãos - tinha suas armas e penas afiadas entre a cruz e a espada (política de imposição do imperialismo europeu) e escrevia em

uma linguagem mediadora para a ação missionária da conquista [...] sempre a um passo do exercício de tapar os ouvidos aos gritos dos exterminados e escravizados. Suas observações, um tanto ingênuas, são dosadas pelo pensamento medievalista de uma salvação mista da contra-reforma que procurava reforçar as próprias convicções limitando o visível da região observada e ampliando seus mistérios (SOUZA, 2009, p.73-74).

Mais um adepto do que Edward Wadie Said, 5 séculos depois, veio a chamar de *textos orientalistas*, que negavam os aspectos reais da geopolítica e

¹³ “O nome do rio Negro foi dado pelo próprio Orellana, sendo o único dos nomes que permanece até hoje” (SOUZA, 2009, p.75).

culturas locais para enfatizar um mistério e exotismo de forma a promover seu projeto político. O olhar colonial apresenta um discurso explicativo, como nota Mary Louise Pratt, onde “a causalidade – não a classificação – define a tarefa em mãos; o papel do observador não é somente coletar o visível, mas interpretá-lo em termos do invisível”. (2008, p.59). A uma pequena descrição da paisagem, cultura etc, seguem-se laudas explicativas de suas possíveis origens ou particularidades.

Neste mesmo relato da descoberta do Grande Rio das Amazonas, *que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana*¹⁴, após relatar todo o enfrentamento havido com os indígenas, com o convívio e as provas da engenhosidade de seus modos de viver, caçar e pescar, em nenhum momento enfatiza Carvajal a sua supremacia [dos nativos] na Amazônia, prefere sempre contar da ferocidade com que se defendem, e por isso julgam ter os espanhóis que destruir as sociedades indígenas e os escravizar para benefício de seu projeto de colonização. “E com o sequestro da alteridade do índio ficou sequestrada também a Amazônia” (SOUZA, 2009, p.81).

O projeto de colonização das novas terras brasileiras, pensado por Francisco de Orellana (1541-42) e assentado pela pena de Carvajal, redirecionou então o mito de Manoa - ou Eldorado, como o denominavam os Espanhóis - ao alimentar o imaginário da corte espanhola com narrativas de enfrentamentos entre seus marinheiros e as índias guerreiras, recém denominadas Amazonas. Em suma, noticiando haver descoberto a localização de uma rica civilização, da qual os espanhóis poderiam tomar posse, retirando das mãos das guerreiras o poder de mando e se apropriando de todas as riquezas minerais, vegetais e territoriais.

Apesar de fracassar a segunda expedição de Orellana (1542) e uma tentativa de atravessar a Amazônia por Pedro de Ursúa e Lope de Aguirre (1560-1561), Pedro Teixeira, capitão-mor da Capitania do Grão-Pará, em 1637, inicia um levantamento circunstanciado das riquezas da região e, através da

¹⁴ O nome completo da obra de Frei Gaspar de Carvajal – *Relacion del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande de las Amazonas, que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana*.

pena do jesuíta Cristóbal de Acuña, recusa-se a duvidar da existência das Amazonas.

Charles-Marie de La Condamine (Século XVIII) inicia a exploração científica da Amazônia, elaborando seu primeiro mapa confiável e listando como potenciais produtos de exportação o cravo, a salsaparrilha, a baunilha, o açúcar, o café, o cacau e alertando sobre a importância do caucho (látex). La Condamine admite a existência de ouro, embora duvide dos mitos do lago dourado e cidades com telhados de ouro, mas admite que possa ter existido uma república de mulheres.

Alexander Von Humboldt (1825) após as viagens à América Tropical, era muitas vezes indagado sobre a veracidade das informações de La Condamine, que situava as Amazonas às margens do rio Negro. Escreveu a propósito que

a fascinação pelo maravilhoso e o desejo de embelezar as descrições do novo continente através de alguns traços extraídos da Antiguidade Clássica contribuíram para que se atribuísse uma grande importância aos primeiros relatos de Orellana (MAGASICH-AIROLA/DE BEER, 2000, p.187)

Aproximava-se Humboldt das conclusões de La Condamine, meio século depois:

não que existam Amazonas às margens do *Cuchivero*¹⁵, mas que, em diferentes partes da América, algumas mulheres, cansadas do estado de escravidão em que são mantidas pelos homens, se reuniram, como negros fugitivos, em um *palenque*¹⁶; que o desejo de conservar sua independência as tornou guerreiras (1965, p.127-131).

As expedições de Spix e Martius (1819-1820), influenciadas por Humboldt, consideraram superado o mito do Eldorado e desacreditada a existência das mulheres guerreiras tanto no passado quanto no presente. E em fins do século XX, Jacques Cousteau nem ao menos incluiu Carvajal e Acuña nas referências de seus relatórios de viagem.

¹⁵ Rio Cuchivero pertencente à bacia do Orinoco, na Venezuela. Às suas margens habitaria a nação *Aikean-Benanos*, conforme relatado por um indígena ao Padre Gili, afirmando que *Benanos* significava *mulheres que vivem sozinhas*. Fato citado por La Condamine em seus relatos.

¹⁶ Palenque = paliçada, cerca feita de estacas fincadas na terra para proteger um sítio (Aulete Digital)

O nome Amazônia carrega então toda esta conotação de mundo ideal em estado selvagem, inexplorado, de pureza, de volta ao edênico jardim; do manancial de juventude e da cura para todos os males, painel emoldurado ainda pela distância da *civilização*, nos moldes considerados pelo europeu médio.

3 – A VISÃO PÓS-COLONIAL

Edward Wadie Said lançou em 1978 sua obra *Orientalism*, em português publicada como *Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente* (1995), sendo considerada texto fundador dos Estudos Pós-coloniais, onde descreve como a romantização e o exotismo, enfatizados por políticas imperialistas europeias, formaram uma representação estereotipada dos costumes do Oriente de forma geral e mais especificamente do Oriente Médio, identificando todos os seus povos e nações como semelhantes entre si e diametralmente opostos aos ocidentais, o que serviu para justificar o ambicioso empreendimento colonial que lhes impuseram. Todo este cenário orientalizado foi baseado não em fatos e acontecimentos, mas em preconceitos e mistificações, e pela visão deformada que estimularam através de textos literários e registros históricos anotados por este viés.

Não obstante ter se dado o início dos estudos pós-coloniais com a publicação de *Orientalism*, de Said em 1978, textos mais antigos já apresentavam este olhar crítico sobre processos de colonização sofridos pelas nações africanas e outras. Esta fundamentação através do trabalho de Said fez com que se reunissem, sob a denominação de pós-coloniais, aquelas obras teóricas e mesmo as literárias que denunciasses diretamente ou através da ironia, da caracterização exagerada de personagens, a exploração, o domínio e a desvalorização das culturas dissimilares às do Ocidente.

O orientalismo, como uma instituição autorizada a lidar com o Oriente, na forma de um discurso de dominação, reestruturação e exploração reunia pelo lado imperialista principalmente a Inglaterra e a França, e pelo lado ingênuo Ásia, Oriente Médio, reunindo o Islã, os árabes, a Índia, nações e regiões próximas.

Na América do Sul tal política já era praticada desde o século XVI. A atribuição do caráter exótico, de continente desconhecido e disponível à posse e exploração, tanto com relação aos nativos quanto com a fauna e riquezas naturais - características do orientalismo elencadas por Said - já compunham a imagem do novo mundo difundida pelos navegadores e exploradores na Europa. Este ideário, que perpassa os nossos dias, embute a crença do europeu e estadunidense médios, de que esta idílica, exótica e inexplorada região continua à disposição de suas investidas salvadoras. Querem “salvar” os índios, a fauna, flora e riquezas minerais, para que possam ser utilizados, a seu tempo, pelos próprios salvadores.

Examinando este empreendimento cultural britânico e francês, que reúne no caldeirão orientalista - desde a imaginação, a Índia e o Levante, os textos e as terras bíblicas, as especiarias, os exércitos coloniais, os eruditos, os especialistas, mais um arranjo das ideias ditas orientais (despotismo, esplendor, crueldade, sensualidade), até as seitas, filosofias e sabedorias, e mantém todo este aparato domesticado para utilização do europeu local. (SAID, 2007, p.30). A este europeu acrescentaríamos no pós-guerra o estadunidense.

A conservação, manutenção e conquista de novas adesões para este discurso imperialista/colonizador é feita por seus eruditos, professores e especialistas, através de seus pensamentos expressos no que Said chamou de *textos orientalistas*. Entre trabalhos de pretense cunho científico, de propaganda ambientalista e outros, se encontram as chamadas literaturas de viagem, algumas vezes produzidas através de pesquisa bibliográfica, sem que se conheça nem o frio e a neve das altitudes, nem o calor e a chuva dos trópicos. Embora nem todas sejam ficcionais, podem conter elementos não comprovados, e mesmo que se baseiem em fatos e cenários reais, sua interpretação está longe da imparcialidade, pois como todos sabemos, mesmo a história é produzida de acordo com escolhas pessoais (ideológicas ou não) dos fatos memoráveis que se deve eternizar. E mesmo como obra de ficção, a simples adjetivação pejorativa já poderá conduzir o leitor a um viés, afastando-

o das características reais ou mesmo formando uma imagem deturpada de um povo, um local e um tempo.

Said nos chama a atenção para mais uma faceta presente no Orientalismo, aquilo que o historiador Inglês Denys Hay denominou de “idéia de Europa”, a noção coletiva que identifica os europeus contra todos os não-europeus e, além disso, “a idéia de uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeias” (SAID, 2007, p.34). Pensamento hegemônico europeu que coloca o outro em um patamar inferior, a quem não caberia o mesmo respeito que aos seus iguais. É a doutrina de superioridade europeia, embutindo ideias racistas, imperialistas, religiosas e outras, sob um manto técnico-científico, que se revela nos textos através de marcas representativas, elaboradas e moduladas, que de forma sub-reptícia são engolidas pelo leitor desatento, como descrições naturais:

A própria língua é um sistema altamente organizado que emprega muitos esquemas para expressar, indicar, trocar mensagens e informações, representar, e assim por diante. Em qualquer exemplo, ao menos na língua escrita, não há nada que seja uma presença transmitida, mas antes usam da *re-presença*, ou de uma representação (SAID, 2007, p.52).

O discurso do Orientalismo, que não é senão um estratagema para a criação do *Outro* de forma inferiorizada, é sempre colonizador:

Cada era e [cada] sociedade recria os seus ‘Outros’. Longe de ser estática, portanto, a identidade do ‘Eu’ ou do ‘Outro’ é um processo histórico, social, intelectual e político muito elaborado que ocorre como uma luta que envolve indivíduos e instituições em todas as sociedades (SAID, 2007, p.441).

A hegemonia europeia molda o padrão de subserviência e descrédito ao qual deverá se conformar aquele que é identificado como o *Outro*.

Em suma, a construção da identidade está ligada com a disposição de poder e de impotência em cada sociedade, sendo portanto tudo menos meras abstrações acadêmicas (SAID, 2007, p.442).

Este *Outro* não é o indivíduo real com que se deparam, mas uma vestidura que deverá ser incorporada adequando-se às características que interessem ao projeto colonial, pois

o orientalista moderno não assume uma distância objetiva de seu objeto de estudo, como ele acredita e até afirma fazer. [...] O seu Oriente não é o Oriente como ele é, mas o Oriente como ele foi orientalizado. [...] Ao final da segunda guerra mundial, tanto a África como o Oriente formavam

menos um espetáculo intelectual para o Ocidente do que um terreno privilegiado para os ocidentais (SAID, 2007, p.155).

Na visão distorcida do colonizador, sob o aparentemente inocente exotismo observado está o desejo de explorar e se apoderar - usando os artifícios e nomenclaturas necessárias - das terras, das riquezas e das gentes.

Um campo de estudos como o Orientalismo tem uma identidade cumulativa e corporativa, uma identidade que é particularmente forte, dadas as suas associações com a erudição tradicional (os clássicos, a Bíblia, a filologia), [com] as instituições públicas (governos, companhias comerciais, sociedades geográficas, universidades) e [com] os escritos genericamente determinados (livros de viagem, livros de exploração, fantasia, descrição exótica) (SAID, 2007, p.275).

Se a releitura das obras teóricas e literárias feitas por Said visava denunciar o desvio pretendido pela política colonial em desrespeito à alteridade, acreditando que ao esclarecer as tendências apresentadas nas obras europeias sobre outros povos e nações culturalmente distintos já poderia patrocinar uma mudança em tais práticas, outros autores não eram assim tão esperançosos. Frantz Omar Fanon, francês da Martinica, de ascendência africana, tendo lutado nas guerras de libertação da Argélia não acreditava que o colonizador por si só chegasse à conclusão de alterar seus hábitos com relação ao colonizado e pregou em suas obras - *Pele negra, máscaras brancas* (1952) e em *Os deserdados da terra* (1961) - que a libertação só aconteceria através da luta, do enfrentamento, de forma que o colonizador sofresse baixas em suas hostes e em seu patrimônio. Só através da luta armada os subalternos reconquistariam sua voz.

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - deve sempre tomar posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (FANON, 2008, p.34).

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon mostrava mais preocupação com a influência do colonialismo do que Said, que anotou em seu texto fundador, sua presença na literatura e em abordagens teóricas. Nesta obra, publicada 26 anos antes do *Orientalism* de Said, Fanon prevenia da existência de um colonialismo epistemológico, revelado na forma com que as próprias ciências foram modeladas, numa tessitura política, num construto idealizado por quem

sabia que a sujeição social e econômica de um povo não era suficiente para manter o poder sobre ele.

Denuncia o racismo, ao qual os colonizadores negavam a existência como forma de não lhe oferecer combate, e mostrava que a mesma ideologia que se representava ignorando a cor apoiava o racismo que negava, pois a indiferença à cor, que defendiam, apenas dava suporte à cor de pele dominante, a branca. Isto levava os negros a se verem aprisionados em sua pele e então a liberdade almejada consistia em se revestir dos costumes dos brancos, se pondo a procurar ilusórios espelhos de atitudes que os mostrassem cada vez mais desenegrecidos, tendo que renunciar pela cor de sua pele a toda a ancestralidade de sua cultura e valores. Descaracterizavam-se inutilmente, pois nem mesmo assim estariam seguros de eliminar o complexo de inferioridade que lhes foi imposto, pois da mesma forma que o 'oriental' foi orientalizado para corresponder a uma representação desejada pelo colonizador europeu, o negro foi construído como negro, para atuar no palco de sua nação em funções mecânicas, ao girar das engrenagens da máquina colonial que exauria seus próprios valores pessoais e os potenciais de sua nação. Os brancos por sua vez se ocultavam por trás de diáfanos disfarces desejando não serem vistos como racistas, embora reservassem para si as benesses do mais alto estrato político e sócio-econômico.

Não sentiremos nenhuma pena dos antigos governantes, dos antigos missionários. Para nós, aquele que adora o preto é tão 'doente' quanto àquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco (FANON, 2008, p.26).

O discurso presente em *Pele negra...* está em fazer com que o negro assuma a responsabilidade por sua própria libertação, agindo sem delongas, de forma a se tornar visível por seus atos e atitudes, já que sua liberdade precisa ser dialogicamente reconhecida, sob as vistas do outro e em seu mundo.

É pelo homem que a sociedade chega ao ser. O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício. [...] Só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares (2008, p.28).

O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente (2008, p.29).

O racismo do colonizador europeu não se resume à cor da pele, a fabricação do Outro se estende à alteridade de outras nações nem tanto dessemelhantes, mas passíveis de serem identificadas como primitivas, como não-civilizadas e assim o colonizador “ganha força e identidade ao se contrastar com o oriente [o colonizado em geral], visto como uma espécie de eu substituto e até subterrâneo” (SAID, 2007, p.30). Pela vertente da negação, ao imputar ao outro o papel do que não é, confere a si mesmo o papel daquilo que é desejável, alçando-se ao galardão de civilizado e pretensamente responsável pelo esclarecimento e resgate da cultura subalterna. Papel este chamado a si pelos Estados Unidos da América após a segunda grande guerra.

A consciência de ser um indivíduo sob processo de colonização perseguiu Fanon, que por isso assumiu a tarefa de desalienar os negros, ajudando-os a se libertarem do arsenal de complexos gestados no seio do aparelho colonial.

E uma vez, quando Sartre tinha feito algum comentário, ele [Fanon] deu uma explicação de sua egocentricidade: um membro de um povo colonizado deve estar constantemente consciente de sua posição, sua imagem; ele está sendo ameaçado por todos os lados; impossível esquecer por um instante a necessidade de manter suas defesas.

Simone de Beauvoir, *A força das circunstâncias* (FANON, 2004, p.vii) ¹⁷

Em *Os deserdados da terra*, Fanon esclarece os mecanismos necessários para que aconteça a desalienação e a conseqüente descolonização que conduzirá à reconstrução nacional, entre eles, a luta, o enfrentamento, as rebeliões, que formarão uma consciência nacional, daí advindo uma cultura apta a promover a valorização das raízes, a soberania da nação e a busca por caminhos próprios para explorar suas riquezas e alcançar um desenvolvimento sócio-econômico.

A descolonização é formadora do ser, transformando-o de expectador oprimido em ator privilegiado. Dando-lhe novo ritmo promove uma nova geração de homens, com nova linguagem e nova humanidade. A criação do novo homem não deve, porém, ser atribuída a um poder sobrenatural, e sim ao verdadeiro

¹⁷ Citada por Homi K. Bhabha em seu Prefácio: ‘Enquadrando Fanon’ que abre *The Wretched of the earth* (Os deserdados da terra)

processo de liberação (FANON, 2004, p.2). Inicia sua pregação enfatizando o uso da violência contra o colonizador, na mesma medida ou acima desta, àquela que o colonizador usara contra o colonizado na implantação da colônia. “Descolonização, por este motivo, implica numa urgente necessidade de desafiar completamente a situação colonial” (2004, p.2)

Em sua realidade nua, descolonização fede a balas de canhão e a facas ensangüentadas. Para que os últimos possam ser os primeiros, somente após uma confrontação decisiva e mortífera entre os dois protagonistas. [...] somente sucederá se se recorrer a todos os meios, incluindo naturalmente a violência (2004. p.3).

Em 30 e poucos anos de vida, teve Fanon uma experiência intensa de convívio com povos e raças colonizadas que o levaram às suas conclusões, não sem antes por em prática o enfrentamento armado, participando em lutas e guerras no continente africano, inclusive contra a França na liberação da Argélia e pode constatar que sob as vistas do colonizador, “o nativo é declarado insensível à ética, representando não somente a ausência de valores, mas também a negação destes valores. Ele é, ousamos dizer, o inimigo dos valores. Em outras palavras, o mal absoluto” (2004, p.7).

A religião, velho instrumento utilizado para colonização desde tempos imemoriais, aos moldes de misticismo, também não foi esquecida por Fanon que via “a igreja nas colônias como igreja do homem branco, igreja do estrangeiro”. Ela não chamaria o colonizado para os caminhos de Deus, mas para os do homem branco, do opressor (2004, p.7).

Sua luta para desalienar, conscientizar e descolonizar direcionava-se a desfazer a compartimentalização da estrutura colonial e fazer com que todos se equiparassem. “O contexto colonial é caracterizado pela dicotomia que ele inflige ao mundo. A descolonização unifica este mundo por uma decisão radical de remover sua heterogeneidade, por unificá-la no campo da nação e algumas vezes da raça” (2004, p.10). Dicotomia expressa entre os elementos: colonizador e colonizado, centro e periferia, metrópole e colônia, entre tantos outros mantenedores da desigualdade de oportunidades.

“O colonialismo não se satisfaz em capturar o povo em suas redes ou esgotar a mente do colonizado de qualquer forma ou substância. Com um tipo de lógica perversa, ele volta sua atenção ao passado do povo colonizado e o distorce, desfigura e destrói”. Pensado como uma conjuntura de políticas em que nada foi deixado ao acaso, tem por alvo final convencer os nativos de que ele os salvaria da escuridão e que se fosse embora eles regressariam ao barbarismo, degradação e bestialidade (2004, p.149).

A cultura negra africana se desenvolve profundamente através da luta do povo, e não através de canções, poemas ou folclore. [...] Uma vez mais, nenhuma fala, nenhuma declaração sobre cultura prejudicará nossas tarefas fundamentais que são liberar o território nacional e constantemente combater as novas formas de colonialismo (2004, p.170).

Pregou o enfrentamento ao colonizador com utilização até da violência pois por sua experiência havia constatado não existir outro meio de ameaçar o colonizador e fazê-lo retroceder e admitir mudanças. Sabia, porém, que a violência seria só um meio de liberação do povo colonizado e chamava a atenção para que ela não fosse empregada de per si.

Descreve os passos da liberação desejada e o contexto cultural que deveria ser formado para a construção nacional e a continuidade da liberdade alcançada. Após séculos de dominação colonial a cultura estaria enrijecida, provocando atrofia da realidade nacional e o declínio de sua cultura, num círculo vicioso de retro alimentação, onde a pobreza e a fome forçariam o colonizado a se rebelar. As tensões crescentes ao atingir a maioria do povo chegaria ao âmbito internacional, disto tudo devendo resultar o colapso do império colonial. Após esta fase a produção literária seria bem vinda, mas deveria deixar de ser imitação da do colonizador. A produção literária se agregaria mais na poesia e tragédia, com os gêneros das novelas, contos e ensaios sendo combatidos. Com a continuidade da liberdade os intelectuais transcenderiam o lamento criando novas audiências, se antes produziam com o colonizador em mente – para elogiar ou denunciar - agora o foco está em falar de si a seu povo. E esta é que será a verdadeira literatura nacional, sobre temas de importância nacional, fazendo assim uma literatura de combate, reunindo o povo em torno do ideal de nação (FANON, 2004). Assim, o passado

seria revisitado em seus contos, tradições e lendas, mas abordado de uma forma a trazer consciência aos ouvintes, convocando-os a um estado de prontidão, de atenção com seu novo status de liberdade, de desalienação.

Em outro nível, literatura oral, contos, épicos e canções populares, previamente classificadas e congeladas no tempo, começam a mudar. Os contadores de histórias que recitavam episódios inertes os revivem e introduzem de modo crescente mudanças fundamentais. Existem tentativas de atualizar batalhas e modernizar os tipos de lutas, os nomes dos heróis e as armas utilizadas. O método de alusão é cada vez mais usado. Ao invés de 'há muito tempo atrás', substituem por uma expressão mais ambígua, 'o que vou contar a vocês aconteceu em algum lugar, mas poderia acontecer aqui, hoje ou talvez amanhã'. [...] Cada vez que o contador de histórias narra um novo episódio, o público é tratado/convidado/chamado a uma invocação real. A existência de um novo tipo de homem é revelada ao público. [...] O contador de histórias mais uma vez dá rédeas soltas a sua imaginação, inova e torna-se criador. (FANON, 2004, p.174).

São as maneiras de utilizar, reler e recontar os contos populares, fazer literatura endereçando mensagens, montar o texto com sentido expresso e outro significado subliminar que vai além do escrito, influenciando o sócio ideológico do povo. Tanto pode ser utilizado para liberação, desalienação, como para propiciar ao colonialismo um campo fértil a ser semeado de acordo com interesses alienígenas.

Insiste Fanon que a cultura somente será verdadeira após a liberação nacional e a ressurreição do estado, sem isso, a própria literatura e outras formas estéticas sofreriam do contágio inerente ao colonizador e não seriam genuinamente nascidas de seu povo. "Acreditamos que a luta organizada, consciente, empreendida pelo povo colonizado a fim de restaurar a soberania nacional constitui a maior manifestação cultural que existe" (2004, p.178). Não nega o valor das artes culturais mas quer que sejam antecedidas pela liberação, que desalienado seja o povo através do desafio, do enfrentamento ao colonizador ou às forças que o oprimisse, pra que este, quando se manifestasse esteticamente, fizesse brotar a arte que relacionasse o povo consigo mesmo, a nação em seus anseios e a importância de sua nação como seu próprio foco, seu próprio centro e não mais como periferia de uma metrópole, a quem supostamente se deveria entoar loas de gratidão.

Em 1957 Albert Memmi publica o seu *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*, antes da guerra com a França para a libertação da Argélia (1961-62), evento bélico que ajudou Fanon a delinear seu pensamento. Apesar de não ter reconhecido o valor de sua obra à época de sua escritura e de não ter pretendido que abrangesse a situação de todos os colonizados mundo afora, por ser Tunisiano e estar ligado às características sofridas por seu povo, Memmi fez seu estudo de caso sobre as mazelas infligidas à sua nação pelo Estado Francês, mas conseguiu fotografar o fardo da colonização de maneira universal.

Destacou o colonizador como imigrante voluntário em busca de amealhar riquezas e posições sociais inalcançáveis na metrópole. Ele se apega à colônia adonando-se dela e para justificar excessos contra os nativos, os deprecia atribuindo-lhes comportamentos e sentimentos indesejáveis, como se fossem caracteres próprios às suas índoles, consideradas incorrigíveis. É a ação do racismo em benefício do acusador, evidenciando um traço real ou imaginário do acusado. O colonizador se coloca em situação de superioridade cultural e rejeita o colonizado, em sua cor, cheiro, cultura.

O racismo colonial é construído de três principais componentes ideológicos: primeiro, o abismo entre a cultura do colonizador e a do colonizado; segundo, a exploração destas diferenças para o benefício do colonizador; terceiro, o uso destas supostas diferenças como padrões de fato absoluto (MEMMI, 1991, p.71).

Atribuem os colonizadores de maneira geral a indolência a todos os colonizados, de maneira jocosa, por vezes, usando as formas habituais de ironia, mas inventando outras, por exemplo, quando brincam com o fato de que os colonizados não deixariam crescer grama sob seus pés - insinuando falta de iniciativa e operosidade. - A grama somente não, deixariam crescer árvores, ou toda uma floresta!

O que é suspeito é que a acusação não é dirigida somente ao trabalhador da fazenda, ou ao morador da favela, mas também ao professor, engenheiro, médico que cumprem o mesmo número de horas de trabalho que seus colegas colonizadores; de fato, todos os indivíduos do grupo colonizado são acusados (MEMMI, 2011, p.81).

Memmi afirma ainda ser “possível proceder com a mesma análise para cada uma das características encontradas no colonizado” (2011, p.81). A cada defeito atribuído a este um argumento correspondente justifica uma atitude ou prática do colonizador. Se diz que o colonizado é uma pessoa fraca, sugere que requer ser protegido. “É pelo próprio interesse do colonizado que ele será excluído de funções de gerência e que as difíceis responsabilidades estarão reservadas ao colonizador” (1991, p.82).

“Depois de tudo, ele [o colonizador] deve defender-se contra os absurdos e perigosos atos do irresponsável [o colonizado] e ao mesmo tempo – que preocupação louvável! – protegê-lo de si mesmo!” Culpam o nativo de ser ingrato, pois todas as suas iniciativas para “beneficiá-lo” não são apreciadas nem reconhecidas. “É impossível salvar o colonizado deste mito – o retrato da miséria que foi indelevelmente gravado” (MEMMI, 1991, p.82).

E assim caminha o colonizador, adicionando indesejadas características, embora convenientes para si, aos costados do outro. “Difícilmente alguém poderia ver como o colonizado pode ser simultaneamente inferior e fraco, indolente e retrógrado” (MEMMI, 1991, p.83), pois ele se conforma com pouco, sua alimentação é frugal, ele é sóbrio, tem poucos desejos etc. “É mais uma prova de que é inútil buscar consistência [nesta visão do colonizador sobre o colonizado] em qualquer lugar exceto no próprio colonizador. [...] Longe de querer entendê-lo como ele realmente é, o colonizador está preocupado em fazê-lo submeter-se a esta mudança urgente” (MEMMI, 1991, p.83), isto é, quer moldar o nativo de acordo com o que seja adequado ao projeto de colonização empreendido.

Além disso tudo já citado, o colonizado não é visto como indivíduo mas é coletivizado, com a marca de plural aparecendo e agrupando os indivíduos sob denominações pejorativas, com a específica finalidade de justificar atos que não perpetrariam a seus iguais. Caracterizando o outro como causador do próprio infortúnio, afirma sua posição de superior e salvador daquele grupo. “O fato é que toda opressão é dirigida ao grupo humano como um todo e, a priori,

todos os indivíduos membros daquele grupo são anonimamente vitimizados por ela” (MEMMI, 1991, p.73)

Se um empregado não vem trabalhar, o colonizador não considera que ele possa estar doente ou qualquer coisa que o justifique, já diz que *e/les* são isto ou aquilo, que *todos* são iguais e que não se pode contar com *e/les*. (Grifo nosso).

Ele se recusa a considerar as ocorrências privadas, pessoais na vida de sua criada; aquela vida num senso específico não interessa a ele e sua criada não existe como indivíduo. E nega ao colonizado aquilo de mais precioso garantido a todos os homens: a liberdade (MEMMI, 1991, p.85).

Este crescendo de atitudes opressivas com relação ao colonizado tende a desumanizá-lo e torná-lo objeto, a ele já se dirige o colonizador usando expressões que são relacionadas aos animais, quando se referindo a seus agrupamentos, aos alojamentos, cheiros etc. Resta a ele se tornar um alter-ego do colonizador, uma cópia malfeita, dificilmente um ser humano.

A fim de que esta legitimidade seja completa, não é suficiente para o colonizado ser um escravo, ele deve também aceitar este papel. O vínculo entre o colonizador e o colonizado é por isso destrutivo e criativo. Ele destrói e recria os dois parceiros da colonização em colonizador e colonizado. Um é desfigurado em um opressor, um ser parcial, não patriótico, traiçoeiro, que se preocupa somente com seus privilégios e sua proteção; o outro, em uma criatura oprimida, de quem o desenvolvimento é quebrado e a quem compromete por sua derrota (MEMMI, 1991, p.89).

Chegando ao ápice do conflito, contempla os efeitos da colonização e concluiu Memmi seu arrazoado apontando a saída daquela insidiosa trama:

Temos visto que a colonização materialmente mata o colonizado. Deve ser acrescentado que ela o mata espiritualmente. A colonização distorce relacionamentos, destrói ou petrifica instituições, corrompe homens, tanto os colonizadores quanto os colonizados. Para viver, o colonizado precisa acabar com a colonização. Para tornar-se um homem, ele deve acabar com o ser colonizado em que ele se transformou. Se o europeu deve aniquilar o colonizador dentro de si mesmo, o colonizado deve elevar-se acima de seu ser colonizado (1991, p.151)

Finalmente, ele precisa cessar de definir-se através das categorias dos colonizadores (1991, p.152).

Havendo reconquistado todas as suas dimensões, o antigo colonizado terá se tornado um homem como qualquer outro. Haverá os altos e baixos de todos os homens, por certo, mas no mínimo ele será um homem completo e livre (1991, p.153).

De todo o arcabouço teórico do pós-colonialismo, com a preocupação de não nos tornarmos exaustivos, pinçamos somente alguns autores que identificamos com nossos argumentos a fim de demonstrar a influência do colonialismo nas literaturas de viagem produzidas por Henry Major Tomlinson e James Rollins considerado o intervalo secular entre a publicação de suas obras, *The sea and the jungle*, em 1912 e *Amazonia*, em 2002.

4 – LITERATURAS DE VIAGEM

As viagens

Conhece muitas coisas aquele que muito viajou, aquele que tem muita experiência fala com muita inteligência. O que não foi provado pouco sabe, mas o que muito viaja aumenta sua sagacidade. Muita coisa vi em minhas viagens, meu conhecimento é maior que muitas palavras. (ECLESIÁSTICO, 34:9-11, 1995)

A antiguidade clássica propugnava que a sabedoria seria proveniente do conhecer muitos lugares, povos e culturas, Heródoto mesmo foi um viandante que estudou diversos campos do conhecimento científico através da experiência pessoal, tais como a etnografia, geografia e as línguas dos povos com quem conviveu. A própria história da ciência moderna é uma história de viagens pelo mundo e seus registros, que de alguma forma, são os livros de viagens e relatos de viajantes, todos incluídos na rubrica das literaturas de viagem, a exemplo das narrativas de Marco Pólo, na China; dos diários de bordo de Cristovão Colombo, na América; as descrições científicas de Charles Robert Darwin, investigando a natureza em Galápagos; Carlos Lineu, na Lapônia; Alexander Von Humboldt na América Latina e Ásia Central; Charles Marie de La Condamine, no norte da África, Oriente-médio e na América do Sul, principalmente descrevendo a geografia, fauna e flora da Bacia Amazônica. De La Condamine, Mary Louise Pratt detalha a constituição da produção literária, que podemos considerar como sendo a descrição da própria literatura de viagem:

Textos orais, textos escritos, textos perdidos, textos secretos, textos que foram apropriados, abreviados, traduzidos, coligidos e plagiados; cartas, relatórios, histórias de sobrevivência, descrição cívica, narrativas de navegações, monstros e maravilhas, tratados medicinais, polêmicas acadêmicas, velhos mitos reencenados e invertidos – o ‘corpus’ La Condamine ilustra o múltiplo perfil dos relatos de viagem nas fronteiras da expansão da Europa em meados do século XVIII (2008, p.23). – tradução nossa

Entre os relatos mitológicos, formadores do pensamento ocidental, podemos listar desde as “viagens” de Homero na *Odisséia* e *Ilíada*, através de seus personagens, entre os quais Ulisses e Enéias. Na literatura portuguesa está o impulso navegador narrado por Luiz Vaz de Camões em *Os Lusíadas* que, além da similaridade com a *Odisséia* dedica a criação de Lisboa ao próprio Ulisses em um de seus deslocamentos. E chegamos a Pero Vaz de Caminha com sua carta/retrato de viagem datada de 1º de maio de 1500 ao Rei D. Manuel I, de Portugal, dando conta da “nova do achamento desta Vossa terra nova”¹⁸. Iniciava-se aqui no Brasil, ainda não assim denominado, a sua literatura, mais especificamente, através da literatura de viagem, entretanto carregada de motivações outras que não a literária, a saber, científicas, políticas, econômicas e morais.

A diversidade de temas, que está ligada às diferentes condições históricas e à dimensão subjetiva do viajante, pode aparecer sob diversas formas. As narrativas podem ser do tipo: relatos de viagens propriamente ditos; registros de acontecimentos cronológicos; diários para fins científicos e diários pessoais; correspondências com a família ou com amigos; reunião de notas e impressões; relatórios administrativos ou científicos; registros de viagens com interesses mercantis, em busca de possibilidades de investimentos; havendo os que comportam alternadamente grande parte dessas formas (LEITE, 1997) (AUGEL, 1980, p. 18).

A visão do viajante descortina os mares novos, lugares, terras firmes e seus pares nativos tendente por sua imago, sentimentos e cultura, a formação científica ou apenas o bom senso, mas este olhar ainda poderá ser mais enviesado dependendo de seus interesses profissionais e ambição pessoal, que tomará da realidade apenas os caracteres que deseja enfatizar para elaborar uma representação em seu projeto de apropriação de riquezas, de saber e de poder. Compõem-se assim sua estética literária, em seu caráter peculiar, conduzindo em seu bojo variedades temáticas mais ou menos evidenciadas conforme conveniências momentâneas.

A literatura de viagem, através do olhar estrangeiro do viajante, une exploração, aventura, aprimoramento e objetividade científica, observação, impressões e representações, constituindo-se um tipo único de escrito (LEITE, 1996, p. 101).

Nos relatos que procuram traduzir o “outro”, o “novo”, aparecem vários mecanismos retóricos que são utilizados pelo viajante escritor, como:

¹⁸ Biblioteca Virtual de Literatura

inversão, comparação, analogia, tradução, nomeação, classificação, o uso do maravilhoso, a descrição, do qual lançaram mão para facilitar seu próprio entendimento da realidade observada e para explicitar melhor, para o leitor, o que foi por ele descrito (MARTINS, 2001, p. 33).

A motivação da escritura descritiva dos périplos viageiros se estende desde as tentativas de resgate de localização espacial, no caso dos que saíram de seus países por algum outro motivo que não a vontade própria, e que estejam na busca da própria identidade, por não aceitarem o papel do Outro, e vai até o outro extremo, quando por motivação expansionista produz um plausível imaginário propício à implantação de um discurso colonizador, quer seja pela imposição de políticas de cunho religioso conduzidas pelo fio cortante das espadas - haja visto as cruzadas, paradigma da conquista de outros povos e culturas pelo ocidente cristão - ou mesmo na difusão da propalada superioridade da cultura europeia/estadunidense sobre todos os outros povos.

Os diários dos exploradores, relatos imaginativos de viajantes medievais, que nunca saíram de casa, viagens de Hakluyt, as histórias subseqüentes de exploração e conquistas facilitaram a 'alterização' do resto do mundo e o apoio à idéia européia de si mesma como o centro da civilização moralmente e materialmente superior a todas as outras e tendo um direito 'divino' ou dever religioso para converter ou destruir. Por todo o campo do empreendimento colonial, os textos da Europa, suas ficções, foram tão decisivas como armas quanto as pistolas (BRYDON & TIFFIN, 1993, p.42).
- tradução nossa

Não se olvide que além da visão macroscópica do conhecimento de mundo, sobre locais e povos desconhecidos a literatura de viagem serviu de base à ciência moderna em visão microscópica com o recolhimento das observações sobre os seres vivos e sua classificação em diversas frentes, das quais destacou-se a taxonomia binomial de Karl Von Linné¹⁹ - em suas viagens à Lapônia, região da Escandinávia e ao condado Sueco de Dalarna, região de grandes vales cobertos por florestas verdejantes, cortados por grandes e pequenos rios - e seus seguidores por todo o mundo. Charles Robert Darwin percebendo os sinais da evolução biológica em suas viagens à Patagônia chilena e a quatro das treze ilhas Galápagos (tartarugas), no oceano Pacífico, oficialmente denominadas Arquipélago de Colombo, sob domínio equatorenho.

¹⁹ Carlos Lineu, em Português, Carolus Linnaeus em Latim, Karl Von Linné, após ser nobilitado na Suécia

O Capitão *Sir* Richard Francis Burton explorando a Ásia e África, sua visita temerária a Meca e à cidade sagrada de Harar, na Etiópia, em suas inúmeras viagens e expedições revelando em seus escritos a cultura oriental desconhecida e condenada pelos padrões vitorianos vigentes à época. Muitos outros ainda não citados, que encontraram ou fizeram por si oportunidades de desbravar as distâncias e o desconhecido, em busca do conhecimento empírico que os motivou a descrever a alteridade, o outro, o exótico encontrado, pela visão de outra cultura, proveram a ciência de percepções, testemunhos e descrições catalogados nas diversificadas tipologias textuais que compõem este gênero de fronteira que é a literatura de viagens.

Por sua influência no pensamento ocidental, a Humboldt devemos creditar a forma como foram pensados os passos para a libertação de colônias da Espanha na América, pois que este em seus relatos divulgou conhecimentos originalmente americanos, que subsidiaram o sentimento libertário daqueles povos oprimidos. Contribuiu para resgatar do medo do desconhecido e da inacessibilidade, as terras intocadas às vistas europeias, pela adoção ao conceito de paisagem que se formava, e que foi nominado por alguns como a *invenção da paisagem*, através do distanciamento e observação. “Paisagens são culturas, antes de serem natureza; construções da imaginação projetadas em matas, águas e pedras” (SCHAMA, 1996, p.61).

As paisagens se inserem no distanciamento entre o cenário natural e sua capacidade de gerar riquezas. “Raramente uma terra em que se trabalha é uma paisagem”, como descreveu Raymond Williams (1973). Se uma cordilheira de montanhas se apresentava como impossível ou muito complicada para se explorar, ela era vista como temerosa e horrenda. Este ponto de vista foi mudando paulatinamente com a divulgação das ideias expressas nas obras de Samuel Johnson (1775), da Alta Escócia, que falava da natureza como *um terror sem perigos*, da visão poética de William Wordsworth (1815) que buscava a *beleza que contém terror*, e mesmo das observações de Immanuel Kant sobre os *sentimentos do belo e do sublime* (1764) em que a beleza transcendia dos abismos e escarpas.

Com relação ao novo mundo este pensamento culminou na visão de Wilhelm Von Humboldt, que adepto do idealismo alemão de exaltação da arte, sempre olhava a natureza em busca do estético e romanticamente lhe creditava perfeição, pois que a natureza só viria a ser deformada pela mão humana. Influenciado certamente pelo bom selvagem e o primitivismo inocente dos indígenas ao largo da civilização, como preconizava Jean Jacques Rousseau. Humboldt traçou então sua *paisagem* baseada no terno: montanha, planície e selva; o primeiro e o terceiro elementos eram os que detinham o temor anteriormente, do qual foram dissociados transformando-se em idílica e atrativa imagem.

Pensadores que ao empreender viagens são motivados pela experiência que vivenciam, e se colocam como eu viajantes no papel principal, descrevem seu desejo de dar a conhecer a visão/relação de sua cultura com aquele outro local, cultura e sociedade. Suas descrições desconsideram a visão do outro, apenas representam por seu ponto de vista o destaque desejado na paisagem. Nesta narrativa ainda se encontram pontos de tensão que podem ser localizados na definição dos limites entre a realidade e a ficção; daqueles constituídos pelo poder referencial do discurso em comunicar fatos; da capacidade mimética da linguagem que se utilizou para representar a realidade; ou ainda de seu estatuto literário, produto de um trabalho sobre a linguagem, sujeito a criar ou perpetuar estereótipos. Neste arcabouço ainda há que se considerar o fator memória associado ao tempo decorrido entre a jornada vivenciada e o ato da escritura.

No Século XVIII, que testemunhou o pico dos escritos científicos de viagens, e no qual a forma básica do gênero como forma literária aceita foi estabelecida, a literatura de viagem estava tremendamente em voga (SHULZ-FORBERG, 2005,26).

A literatura de viagens tem seu reconhecimento com as grandes navegações, já nos séculos XV e XVI, no afã de solucionar a necessidade de comunicações dos feitos e descobertas das expedições mercantilistas a seus reis e senhores. No século XVIII o gosto por sua leitura já estava disseminado por toda a sociedade. Por outro aspecto, ela é necessária às estratégias coloniais onde se

definiam as dicotomias colonizador/colonizado, metrópole/colônia, em suma, o eu e o outro, em seus papéis superior/inferior, civilizado/bárbaro etc.

Impérios criam no centro imperial de poder uma obsessiva necessidade de apresentar e representar suas periferias e seus outros continuamente para si mesmos. Eles se tornam dependentes de seus outros para conhecer a si mesmos. [...] A literatura de viagens, entre outras instituições, é fortemente organizada a serviço desta necessidade. (PRATT, 2008, p.4)

Após esta travessia algo histórica e ilustrativa, em linhas gerais, nos deparamos com o mar atlântico para atravessá-lo em um vapor e depois penetrar a selva amazônica conduzindo junto com europeus, por obras lidas, às quais faz referência ou apóia sua pena, inúmeros personagens mitológicos, patriarcas bíblicos, latinismos e outros dos quais os afazeres e sentimentos são desvelados às suas revelias pelo narrador protagonista de *The sea and the jungle*, (1912), cuja autor empírico se constitui no eu navegante batizado como Henry Major Tomlinson, nascido no dia do solstício do verão no hemisfério norte, no condado inglês de Essex, a 21 de junho de 1873, tendo se tornado em um jornalista, ávido aventureiro e escritor profícuo. Esta a sua mais conhecida obra.

5 - THE SEA AND THE JUNGLE – H. M. TOMLINSON

Antes de nos lançarmos em nossa análise, é de bom tom que se faça referência à obra ***O mar e a selva, sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil***, da lavra do Professor Hélio Rodrigues da Rocha, uma das sementes já germinadas de sua frutífera tese de doutorado. Um estudo sobre as representações da Amazônia brasileira presentes em *The sea and the jungle*, enfocando os aspectos alegóricos, mitopoéticos, imaginativos, filosóficos, suas alusões metafóricas, resolvendo enigmas e sobretudo se deleitando com a botija²⁰ que Tomlinson ocultou sob o sentido literal da narrativa.

“*The sea and the jungle* é um feito. E Hélio Rodrigues da Rocha é um forte. Ter trazido ao deleite dos leitores brasileiros este estudo sobre um clássico da moderna literatura de viagem que é *O mar e a selva*, de Henry Major Tomlinson (1873-1958), exatos cem anos depois de sua primeira edição em Londres (1912), é um fato editorial que merece ser saudado por todos

²⁰ Botija – tesouro enterrado – Fonte Aulete digital

aqueles que, para além das modas passageiras e manias comerciais, amam de verdade boas narrativas que nos desvendem histórias de valor (HARDMAN, 2012)²¹

Não nos deteremos nas nuances de seu curso em função de nossa proposta neste trabalho de recolher as pegadas, marcas, cicatrizes e tatuagens que apresentem tonalidades coloniais nas tintas tomlinsonianas, pela dimensão que tomaria o trabalho e por nossa própria carência de conhecimento para levar a porto seguro tal pretensão.

Apesar de não ser comum a ocorrência de sumários de obras analisadas em dissertações, julgamos necessário traçar o roteiro da narrativa de forma que o leitor conheça em linhas gerais o estofo que conduz, o norte que lhe guia e o porto aonde se destina em sua mimesis. Na análise que faremos a seguir, em busca das alusões, afirmações, negações e outras marcas que registrem as artimanhas do ideário colonial, traremos recortes do texto junto ao aporte teórico, que se fornecerão elementos para a compreensão da força movedora que impeliu o narrador de representar desta ou daquela forma, o mesmo não fará para a compreensão do sentido literal da obra, aos moldes do que nos esclarece o *Convívio*, do florentino Alighieri: “Os escritos podem ser entendidos e devem ser expostos principalmente em quatro sentidos. A um chama-se literal, e este é o que não ultrapassa a letra da narrativa ficcional” (Cap.II, p.1).

5.1 – ROTA DE NAVEGAÇÃO

O mar e a selva descritos por um londrino é o relato de viagem de um vapor inglês, S. S. England²², apelidado de S. S. Capella, que conduz maquinários e carvão para a Estrada de Ferro Madeira Mamoré - tentativa de cumprir acordo com a Bolívia, quando o Brasil se apropriou das terras que hoje compõem o Acre, cedendo em troca, entre outros, a construção da ferrovia para prover acesso ao mar para a Bolívia. Uma narração prolixa e vagarosa, feita para um leitor do início do século XX que não tinha muitas opções de diversão. É a

²¹ Francisco Foot Hardman - Professor Titular, área de Literatura e Outras Produções Culturais – Instituto de Estudos da linguagem - UNICAMP

²² S. S. England – Steam Ship England – navio a vapor Inglaterra

estrela que nos conduz (Capella, seu navio) por mares procelosos, em minuciosa descrição, que abrange a ambientação do barco e as características pessoais dos tripulantes, de forma que já bem adiantado na recorrência das letras, lá pelo meio da narração é que cita seu destino final e logo em seguida sua nave literária ancora no Brasil.

Serpenteia pelos rios amazônicos, na maioria do tempo por seus paranás-mirins, uma espécie de rio da beira, de vazão mais lenta, e então a descrição recai sobre a feérica natureza equatorial, as calorosas condições atmosféricas e as nuvens de mosquitos invasores de cortinados. Na chegada a Porto Velho, a espera de que sejam concluídas as condições de atracamento do navio e a descarga do maquinário da EFMM proporcionou tempo suficiente, mais de um mês, para que o narrador se embrenhasse nos rios e matas do entorno da ferrovia, descrevendo indígenas característicos da região, animais, localidades e os percursos percorridos aproveitando as oportunidades viageiras, de acordo com um minudente diário de viagens.

Desde o porto inglês de Swansea a viagem mimética se faz acompanhar dos arquétipos e personagens da mitologia grega, de alguma forma enriquecendo suas linhas com a literariedade clássica, à qual amplia - após sorver das “insalubres” águas do Madeira - com breves citações de personagens da mitologia ribeirinha amazônica. Emite marcas coloniais, estigmatizações do outro, depreciação da periferia na exaltação ao centro e outros sofismas coloniais nesta sua viagem estética. A ocorrência dos vestígios e pegadas colonizadoras aumenta significativamente à medida em que se aproxima do velho porto de destino, e finaliza seu texto na chegada à Estação Ferroviária de Paddington em Londres, eu não diria como que colocando uma cereja sobre o bolo colonial, mas disparando um caroço de tucumã no peito do amazônida, ao insultar:

- *Here again was the centre of the world (1956, p.332).*

5.2 - EVIDÊNCIAS E MARCAS COLONIAIS²³

A Professora e pesquisadora Ana Irene Pizarro Romero, do Centro de Estudos Avançados da Universidade de Santiago – Chile, especialista em literatura e cultura da América Latina, tendo trabalhado em centros de estudos e universidades no Chile, França, Argentina, Venezuela e Brasil, tem como obra mais conhecida no Brasil a trilogia: *América Latina: palavra, literatura e cultura* e entre suas conferências *Amazônia, imaginário e discurso*, onde expõe a multifacetada representação da Amazônia pelo olhar de fora. Nele Pizarro nos esclarece que

A Amazônia é uma construção discursiva. [...] É a história dos discursos que foram constituídos em diferentes momentos históricos e dos quais temos recebido parte da informação, principalmente a que permite identificar o discurso externo sobre ela. Com relação a outros, existem vestígios e certamente com uma metodologia adequada é possível reconstruir parte deles (2005)²⁴.

Com o intuito de evidenciar o bafo colonizador que recai sobre esta narrativa de viagem, que vem como que espalhando o *fog* londrino, misto de neblina com fumaça, para obnubliar toda a cultura e alteridade locais, tão indesejadas de que se destaquem, escolhemos algumas passagens e as associaremos aos esclarecedores alertas dos sentinelas pós-coloniais.

O narrador, ainda em terras britânicas, prepara a ‘bagagem’ para a viagem traçando críticas à sociedade inglesa, revelando assim o lugar no estrato social, acadêmico, religioso e cultural de onde avista seus pares, familiares e através do qual perceberá a viagem e as novas paisagens que se avizinham. E se lança ao mar, proceloso já de início e por ser travessia de inverno, a *cachotage*²⁵ se prolonga por toda a viagem. Intercalando-a apresentam-se

²³ As referências deste texto são: TOMLINSON, Henry Major. *The sea and the jungle*. New York: Handom House, 1956. Somente referenciaremos as citações com o número da página, entre parênteses. Todas as traduções citadas são da lavra do Professor Doutor Hélio Rodrigues da Rocha, ainda não publicada.

²⁴ La Amazonía es una construcción discursiva. [...] Es la historia de los discursos que le han ido constituyendo en diferentes momentos históricos y de los cuales hemos recibido parte de la información, fundamentalmente la que permite identificar el discurso externo sobre ella. Respecto de otros existen vestígios y seguramente con una metodología adecuada es posible reconstruir parte de ellos (PIZARRO, 2005).

²⁵ Cachotage – agitação, encrespamento, movimento irregular, procela, reboição, saracoteio, tempestade (Dicionário Criativo)

como que armistícios atmosféricos, que logo são quebrados e a peleja do mar e do vento contra os costados, do barco e dos homens, é reencenada.

É o tropel do cocheiro rasgando estradas pedregosas e encarapitadas carregando sua carga preciosa. Os costados do navio, seu calado e seus falantes, céleres, por entre ventos furiosos e ondas abissais. É o que nos faz entender por chamar o barco de *Capella*, a estrela mais brilhante (alfa) da constelação do cocheiro (Auriga), o qual, na mitologia grega, representa um Rei de Atenas, Eritônio, criador da quadriga, carro, coche ou carruagem conduzida por quatro cavalos emparelhados. O cocheiro conduz a cabrita (capella) em seu ombro. Esta a que amamentou Zeus no monte Ida quando Cibelle o escondeu do voraz Cronos. É a escolha do nome do barco da narrativa que indica que sua jornada temerária estará de antemão guarnecida pela presença dos heróis olímpicos. De tal característica não daremos destaque em função do objetivo proposto.

O narrador desta viagem rememora outras viagens através de seus personagens: como quando quase foi a pique o capitão, entre outros casos. Faz digressões, conversa com o leitor e ironiza “Caso se torne necessário mostrar símbolos de realidade novamente, como este é um livro de viagem, aqui estão eles: Latitude 37.2 ao norte, longitude 14.14 a oeste” (p.65). Seu desejo manifesto é trazer verossimilhança à narrativa, que a aparência de verdade, ao fazer uso de conhecimento já sedimentado, as coordenadas geográficas, construa um elo de credibilidade com seu leitor metropolitano.

Após discordar de que seja essencial dar estas referências, questiona a si próprio, comentando com o leitor: “Quanto a mim, não tenho nenhuma razão, qualquer que seja, para estar no mar” (p.66). Mas, logo a seguir, é sacudido pela lembrança de uma tempestade enfrentada, durante a qual foi adormecido pelo cansaço e ao despertar, fita “o teto [...] manchado com reflexos brilhantes, em seguida um círculo do céu [visto pela escotilha], que o horizonte logo esconde a metade; e depois, a deslumbrante cor branca e azul das ondas a

pouca distância”, conclui: “Isso é a vida. É para isso que eu vim” (p.68). Tal qual o mar, seus sentimentos bordejam²⁶.

Embora se saiba ser a literatura de viagem precursora ou mesmo formadora de conhecimentos científicos, percebidos na observação da alteridade de outros seres, biomas e culturas, enquanto enunciação discursiva é inevitavelmente comparada com a viagem, enquanto realidade. Um fato é a realização da viagem e outro é a obra com sua representação narrativa. Mesmo que sua enunciação discursiva possa ser enriquecida com as nuances e o foco desejados, a viagem como acontecimento real não poderá ser representada em sua totalidade.

Eu mesmo aprendi que os tesouros encontrados na viagem, a oportunidade da recompensa que a torna válida, não podem ser avaliados de antemão e, raramente são assuntos que um ouvinte teria o cuidado de ouvir mais tarde; porque eles não têm nenhuma substância. Não são questões para serem resolvidas. São intraduzíveis em seu tempo e lugar; são como o homem que, involuntariamente, deita-se para dormir no túmulo onde os duendes dançam em plena noite de verão, e sonha que no lugar onde o homem nunca esteve, seus bolsos foram enchidos com ouro mágico, acordando para encontrar pedrinhas ali em vez de ouro; assim o viajante não pode dar provas dos sonhos que teve, mostrando somente as pedrinhas ao tentar (p.66).

Outro significado podemos ver neste excerto. O narrador tomlinsoniano já desde o início, com a finalidade de enriquecer o texto, utiliza citações e personagens da cultura Greco-romana, e nesta passagem, acrescenta alusões ao teatro do bardo inglês, que ao escrever uma peça destinada a alegrar um casamento, forneceu-nos elementos de interpretação que vão além de seu objetivo inicial. Em *Sonho de uma noite de verão*, há um tetrângulo amoroso, dois casais volúveis e um pai que quer ver sua filha esposar alguém a quem destinou, não permitindo assim que se una a quem ama, e um soberano, de quem espera o cumprimento das normas legais. Para isso invoca a lei, à qual em caso de seu descumprimento tinha por pena a morte. O soberano Teseu inicialmente atenua a aplicação da sentença sugerindo que a moça abandonasse seu intento ou seria destinada ao claustro e ao celibato, contudo

²⁶ Bordejar – navegar sem destino, andar de um lado para outro sem rumo certo (Aulete digital)

em seguida, desconsidera completamente a norma e ao pai aflito, e permite que ela despose a quem ama.

Podemos ver aqui as marcas do absolutismo monárquico representado pelos atos do governante, que instado a cumprir a lei, modela-a de forma que a justiça independa do que foi legislado e se centre na figura do monarca. “L’État c’est moi!”, como teria sido dito por Luiz XIV. A alusão à comédia de Shakespeare, resumida nestas poucas palavras, nos fornece pistas para reconhecermos naquele soberano uma representação do colonizador que possui suas leis, mas na colônia guarda-lhe a proteção para seus iguais, destinando aos colonizados uma interpretação tendente à preservação do empreendimento colonial.

Navegando águas oceânicas ainda impregnadas do sabor britânico já cuidam que não vão poder “beber a água do país para onde estamos indo; é por isso que oitenta toneladas de água da primavera, das montanhas do País de Gales, estão em nossos tanques limpos e caiados” (p.59), assim alertam os marinheiros a conter o desperdício, pois a água da Amazônia poderia deixá-los com disenteria. Era comum a crença de que o Amazonas era a terra da febre, mas o escritor Adolfo Glaser, cita as impressões de Jean Louis Rodolphe Agassiz, zoólogo e geólogo Suíço que comandou a Expedição Thayer²⁷, sobre a região e declara que

“As febres [...] em certos locais elas dominam constantemente, mas a culpa deve ser dada aos próprios habitantes, a seus costumes, a seu modo de vida e à sua alimentação, menos à natureza ou ao clima. [...] Essa forma de alimentação e o beber água insalubre são responsáveis pela febre e pelas doenças que sofrem os moradores do vale”.

Ao descrever a tripulação do barco chamado Capella, a estrela, quer que este possa ser luz a iluminar a periferia obscura para onde se dirigem. “Nosso pequeno Capella, nosso ponto de brilho noturno, uma estrela se movendo pelo vazio rumo a seu destino obscuro” (p.72). Um tripulante brasileiro é representado como alguém pronto a qualquer momento a começar a cantar,

²⁷ A Expedição Thayer foi uma expedição ao Brasil liderada pelo zoólogo suíço Louis Agassiz, (1865/66), que consistia no registro em série de tipos raciais brasileiros do Rio de Janeiro e da Amazônia. Constitui um dos principais registros fotográficos do Brasil de meados do século XIX, constante atualmente no acervo do Peabody Museum de Harvard. Fonte: Wikipédia.

mas que ficava somente a mastigar o pano que trazia em volta do pescoço e a quem não se atribui tarefa alguma, nem mais lhe será feita qualquer referência à sua presença ou labor. A aparente qualidade da alegria expressa na facilidade para cantar embute uma visão de que o brasileiro possuía natureza indolente, e disposição somente para a ociosidade, um viés argumentativo da época do Brasil colônia usado para forçar o escravo ou servo a não interromper o trabalho nem mesmo para repousar ou atender funções fisiológicas.

Indolência e ociosidade sempre foram palavras-chaves no discurso colonialista, assestadas, por exemplo, tanto contra os próprios Bôeres/Africâneres, calvinistas dos países baixos, da Alemanha e da França que se estabeleceram na África do Sul e Namíbia, quanto contra os nativos, os caçadores *Sankhoi* e os pastores *Khoikhoi*, denominados de Hotentotes (gagos) pelos viajantes europeus que aportaram na África. Os Bôeres tinham nas mãos todas as possibilidades de enriquecimento e optavam pela inação, os nativos que não detinham as mesmas oportunidades, não desejavam lutar para modificar suas opções. Contudo o imigrante voluntário que saiu de seu país, também tentava criar uma nova maneira de viver, sem estar tanto aferrado às engrenagens produtivas do imperialismo e o nativo já estava em seu habitat e em seu modo natural de viver, não compreendido pela cultura metropolitana do crítico viandante. Ensina Said que “a resistência, longe de ser uma simples reação ao imperialismo, é um modo alternativo de conceber a história humana” (2011, p.338).

Em *Cultura e Imperialismo*, Said analisa a obra *O mito do nativo indolente*²⁸, de Syed Hussein Alatas, onde resume o uso deste argumento junto a colonizadores portugueses, espanhóis e ingleses, presentes no sudeste do Pacífico em busca de obter riquezas, tais como as provenientes da exploração do látex (borracha) e metais preciosos, com utilização de mão de obra a preços reduzidos:

Exigindo trabalho dos nativos, eles concebem várias estratégias para uma economia rentável, entretendo destruindo os comerciantes locais de nível médio, subjugando e praticamente escravizando os nativos, desencadeando guerras étnicas intestinas entre comunidades chinesas,

²⁸ *The myth of the lazy native* (1977) sem tradução em português.

javanesas e malásias, a fim de melhor governar e manter os nativos fracos e desunidos. Desse emaranhado surge a figura mítica do nativo indolente, de cuja existência [...] supostamente decorre uma série de 'verdades' básicas. Alatas documenta com paciência os meios pelos quais essas descrições – todas elas baseadas na “falsa consciência” de colonialistas relutantes em aceitar que *a recusa dos nativos em trabalhar constituía uma das primeiras formas de resistência à incursão europeia* (grifo nosso) – vão adquirindo consistência, autoridade e o irrefutável imediatismo de uma realidade objetiva. Então [...] concebem um fundamento racional para subjugar e punir ainda mais os nativos (SAID, 2011, p.392/393).

A propagação desta falácia por todo o mundo colonial visava mesmo municiar o conjunto de razões a justificar as reações adversas que fariam por recair sobre os nativos que lhes opusessem resistência. “O mito do nativo indolente é sinônimo de dominação, e a dominação baseia-se no poder” (SAID, 2011, p.393).

O narrador, o eu-viajante da *cabrita* do cocheiro, é um cronista por excelência, pois se vale de expedientes como o da linguagem simples, da narração em frases curtas, descrevendo seu cotidiano no navio ao marulhar das ondas, alternando um caráter crítico, que pode se abater tanto sobre os marujos quanto aos que ficaram em terra firme, e endereçando tiradas irônicas ao leitor. Utiliza como personagens os marinheiros comuns, característicos da imaginação popular e tem cronologia definida em seu relato. Seu instrumento mais poderoso - a isca viva em anzol brilhante para fisgar o sentimento, o reconhecimento e a identificação com o leitor, fazendo com que interaja com o narrador, seus personagens e acontecimentos - é a narrativa em primeira pessoa, embora às vezes faça comentários conclusivos em meio ao périplo narrativo onde deveria estar circunscrito, ao invés disto explana com a visão panorâmica da onisciência de um narrador em terceira pessoa, ao modo de quem já conhece o movimento ondeante por trás de todo deslocamento e o porto seguro ao final de todos os acontecimentos.

Quando questiona sua motivação para estar nesta viagem faz com que se sobressalte o leitor a se imaginar soltando as amarras de um barco e lançando-se num mar bravio em busca de um destino temerário em terras inóspitas, que oferecem perigos inauditos em seus mistérios atemorizantes para um leitor do primeiro quartel do Século XX. Constrói sua narrativa sopesando as

dificuldades e limitações de um embarcado em viagem transoceânica com os pequenos deleites a colorir a monotonia cinzenta de seu passado, e numa reviravolta, conduz o leitor a compartilhar o fascínio por aquele despertar após a noite tormentosa, com o reflexo da luz e a visão do horizonte fugidio pelo movimento ondulatório das vagas, e num crescendo alcançar um sumidouro individual onde se fundem coletivamente o leitor, narrador, personagens e o próprio vapor. Em suas palavras: “Nesse momento me havia sido dada a comunhão com o navio e seus homens; éramos um só corpo” (p.77).

Além das digressões, presentes oportunamente, a cada apresentação de um novo personagem ou lugar propõe uma conversa com o leitor, ao modo de um contador de histórias. “Conhece Cardiff?”; “Você conhece a costa do Chile?”; “Conhece Barry?”; “Ele ficou surpreso quando entrou; você também teria ficado”; “Vocês conhecem o Japurá?”. Irônico, dissimula intenções com afirmações aparentemente simples e diretas, e assim é irônico ainda mais com seu padrão, o leitor: “(e suponho que você tenha prazer, ou não teria seguido adiante nesta narrativa)”.

E como não podia deixar de ser, ainda no mar são ministradas doses de quinino²⁹ aos marinheiros, que precisaram ser estimulados a goles de gim para as ingerirem, pois a soada malévola da malária ao chegar em terra, por si só, não era suficiente para atemorizá-los. E lhes entregaram também os mosquiteiros, que a partir de então passaram a decorar seus beliches. As febres terçãs já haviam destruído expedições a outras partes do mundo colonizado e divulgados estavam seus processos preventivos.

Graças à malária, febre amarela e disenteria, a exploração do Rio Níger [3º mais longo da África] foi entrecortada pelas próximas 5 décadas até que Dr. William Baikie decidiu testar a eficiência do quinino contra as febres mortais que tinham abreviado todos os sonhos de expansão na região. Como fenômeno literário o esforço do Níger era um sucesso, entretanto. Produziu animada e bem lida literatura de exploração, a maioria dela escrita junto às linhas coloridas consagradas pelo [livro] *Viagens*, de [Mungo] Park³⁰ (PRATT, 2008, p.83).

²⁹ **Quinina** (fórmula química: C₂₀H₂₄N₂O₂) é um alcalóide de gosto amargo que tem funções antitérmicas, antimaláricas e analgésicas. É um Estereoisômero da quinidina. O sulfato de quinina é o quinino, extraído da árvore chamada Quina, ou Quina-quina, da família Rubiácea

³⁰ **Park, Mungo.** *Travels in the Interior Districts of Africa: Performed in the Years 1795, 1796, and 1797* (2 Volumes). London: John Murray, 1816.

Mary Louise Pratt, falando em outro contexto, comenta a recriação de literaturas de viagens com base em bibliografias e não no deslocamento geográfico. O narrador é o viajante mas o autor-empírico, o mantenedor da viagem, este somente se recolhe em realizar as pesquisas bibliográficas

Tal qual as ondas que acompanham batendo nos costados do navio como se quisessem entrar, o narrador questiona continuamente aspectos, significados ou objetivos de seu deslocamento por mar. Como um professor que ao ensinar busca fazer com que o aluno complete suas frases, o narrador o faz para que o leitor se engaje a responder e a querer continuar este percurso literário:

Qual a utilidade da viagem? [...] Tinha viajado milhares de milhas para ver o termômetro subir? Onde estão a Espanha Central, as Guianas e o Brasil?" [Na sala de mapas] . . . os tinha descoberto. Encontrei suas coordenadas verdadeiras. Estão no Golden City of Manoa, de Raleigh; em Bucanners of America, de Burney, com Drake, Humboldt, Bates e Wallace; e eu os tinha deixado todos em casa (p.208).

A cidade dourada de Manoa³¹, que os espanhóis chamaram de Eldorado, motivos e feitos dos piratas, a descrição das viagens de Humboldt etc, novamente os mapas espremidos em livros que gotejam seres, personagens e lugares lendários, mitológicos e míticos nos mostram o que azeitou as engrenagens para a formação desta terra no pensamento sequioso dos europeus de solucionar todos os problemas que carregavam desde a idade média, por isso a sanha exploratória que quer nos abater e contra o que devemos nos bater a galope, com a garra e a valentia das guerreiras que dão nome e fama à maior região do Brasil (60% do território brasileiro).

A primeira referência que faz à nossa nação é de certa aversão: "Então aquela areia cinzenta grudada no engordurado da marca d'água do navio era a primeira coisa do Brasil" (p.108). E se avistaram as nuvens a envolver as florestas amazônicas e o narrador faz seu o pensamento dos que leem relatos, consultam mapas e ouvem viandantes, que juram conhecer este país melhor que seus nativos: "Conheço aquelas florestas. Quero dizer que frequentemente naveguei seus canais obscuros, viajando pelas regiões de selva em um mapa,

³¹ Manoa, que significa lago, onde o chefe indígena (El Dorado) mergulhava, após se cobrir com ouro em pó

calçado em meus chinelos, à noite” (p.108). E consideram a chegada e a visita a Santa Maria de Belém, Santarém, Óbidos, Itacoatiara e a subida pelo rio Madeira rumo à cachoeira de Santo Antônio, pioneiros que são em um navio oceânico a vapor, que após atravessar o oceano Atlântico adentra temerariamente os rios amazônicos para entregar sua carga no destino marcado. E seguem-se as histórias mórbidas entremeadas pelo tremelejar das febres amarela e negra, da malária, disenteria, beribéri, e das criaturas da selva, de quem imaginariam os bramidos ao ouvir dos ruídos desconhecidos.

O exótico é referenciado primeiramente associado ao cheiro, que são os primeiros cheiros sentidos da “vegetação exótica e selvagem”, que não são apenas diferentes e desconhecidos, mas exóticos, extravagantes e esquisitos. Sentem-se os cheiros, “mas não da terra que eu conhecia e da vegetação” (p.111), que são comparadas com as do real jardim botânico de Kew, um dos mais extensos, antigos e prestigiosos jardins botânicos do mundo, situado na periferia de Londres.

Comentadores frequentemente liam os escritos americanos de Humboldt com relação à famosa “querelle d’Amerique” – a longa e arrogante disputa entre intelectuais europeus sobre o tamanho relativo, o valor e a variedade da flora e fauna amazônica, em comparação com as da Europa e outros continentes. Na segunda metade do século [1800], [George] Buffon patrocinava a visão de que a natureza era menos desenvolvida na América do que no resto do mundo porque o continente era mais jovem (PRATT, 2008, p.117).

De novo manifesta-se a superioridade na pretensa antiguidade da flora e fauna europeia com relação ao novo continente. Como se a natureza necessitasse ser autorizada a desenvolver-se somente após o contato com os exploradores europeus.

Ao aportarem em Santa Maria de Belém do Pará, o narrador observa que “Os homens da alfândega brasileira subiram a bordo [...] e um oficial latino alto e majestoso, com olhos escuros de tal nobreza e melancolia familiar” [...], e se indaga porque mesmo assim o médico de bordo leva alguns pertences para seu camarote e tranca a porta. “Então deixei meus binóculos em cima da caixa de gelo; e essa foi a última vez que os vi” (p.113). À chegada ao Brasil o narrador enceta seu preconceito de que nem mesmo a aparência nobre de um

latino o salva de ser desonesto. Surpreendentemente, mais à frente na narrativa, já singrando as águas do Madeira, ele se refere novamente aos binóculos, porém sem esclarecer que seja outro objeto. Diz, usando artigo definido no plural: “Com os binóculos, na manhã seguinte, inspecionei [...]” (p.167). Está se referindo a binóculos específicos, certamente os já citados. Quando porém reflete sobre a frieza de sua crítica ao ser indagado de como seria o caráter do povo brasileiro, questiona o que poderia saber do caráter nacional brasileiro e supõe “que o verdadeiro brasileiro seja como o verdadeiro inglês”, mas não deixou de registrar que o “belo oficial da alfândega brasileira – alto, augusto, com soberbos olhos escuros e com o pensamento lento [...] que sumiu com seus binóculos e meu cachimbo de argila” (p.174). São as atitudes engendradas pelo tríduo que se faz vicioso, a discriminação, o preconceito e o racismo, presentes componentes na carga justificadora das práticas desumanas que sofrem os nativos colonizados.

O etnocentrismo é um dos elementos constituintes do estofado do narrador, e mais um deles é a crença na teoria das raças puras de Gobineau.³²

Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), em seu "*Essai sur l'inégalité des races humaines*" (*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*) de 1853, supôs que a raça indo-europeia seria a ancestral de todas as classes dominantes da Europa e da Ásia Ocidental, sobretudo da nobreza francesa da qual ele alegava ser descendente. Gobineau faz também uma análise retrospectiva e pessimista, apontando que o declínio da raça superior devia-se ao contexto democrático que evoluía. Estas ideias cativaram a simpatia de representantes das mais altas hierarquias europeias, sem que ninguém as contestasse. Naquela época a desigualdade dos povos humanos saltava aos olhos dos europeus, que assumiam uma visão de colonizador, verdadeiros responsáveis pelo controle do mundo "não-civilizado". Usavam os europeus ainda das mesmas ideias para justificar a dominação a que submetiam os outros povos. Fonte Wikipédia.

O narrador num mesmo pensamento deprecia o outro e exalta aos seus: é a discriminação e o desprezo manifestados contra negros e mestiços vistos “de

³² Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) - Diplomata, escritor, etologista (estudante do comportamento animal), filósofo e sociólogo francês, de intrigante memória por ter sido um dos precursores do *racismo*, com suas teorias sobre a pureza das raças, que embasaram o anti-semitismo nazista, em sua obra em quatro volumes foi o *Essai sur l'inégalité des races humaines*, onde descreveu sua teoria sobre a desigualdade das raças humanas, um determinismo racial que teve grande influência no desenvolvimento de políticas racistas na Europa, especialmente adaptada aos interesses nazistas.

Fonte – Só biografias da UFCG (Campo Grande) - <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Gobineau.html>

um jeito indolente [...] arrastando mercadorias nas sombras” (p.114). Said explica que a sobrevivência do mito do nativo indolente se daria “pelos grandes serviços que esse interesse [colonial] já havia prestado anteriormente e pelo enraizamento que alcançara previamente” (2011, p.393). Tomlinson enaltece a seguir seus conterrâneos através da aparência das indumentárias: “Havia um escritório separado por grades, onde alguns funcionários ingleses, vestidos de um branco imaculado inspecionavam um grupo de nativos” (p.114).

“Os paraenses, passando ao largo com um jeito preguiçoso [...] eram pessoas enigmáticas para alguém acostumado com as características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses” (p.115/116). Qualificar o nativo de enigmático o coloca no mesmo sentido de ambíguo, obscuro, misterioso e por associação, exótico. “O orgulho evidente e arrogante, também, desses latinos, era uma surpresa para alguém de uma raça mais forte” (p.117). E por que surpresa? Porque o nativo não estava se adequando ao papel de fraco e dependente que projetaram para ele. “A construção de identidade está ligada com a disposição de poder [do colonizador] e de impotência em cada sociedade [colonizada], sendo, portanto, tudo menos meras abstrações acadêmicas” (SAID, 2007, p.442).

Em sua tentativa de evidenciar o exótico, o narrador não se contém e inclui um personagem, um viajante que conta ao protagonista que “queria uma daquelas cabeças de indígena empalhadas para o bar” (p.122), referindo-se aos encolhedores de cabeças, costume dos valentes índios Jivaro, que habitavam somente as selvas do Equador e da Amazônia peruana. À época em que o livro foi lançado as tais cabeças encolhidas, conhecidas como *tsantsa*, eram comercializadas por até 25 dólares, mas não eram encontradas nesta região da Amazônia brasileira ou boliviana.

Apesar do medo de mosquitos por causa da ocorrência de febres, ao fitar a exuberância da natureza esquecia o narrador, em sua volúvel escritura ainda influenciada pelos marulhos da travessia, do calor e dos perigos chegando a declarar que “ninguém deveria chamar isso de selva; era mesmo um leve e benigno Éden. Esta era a floresta que eu realmente desejava encontrar”

(p.127). Recurso estilístico ou mecanismo retórico utilizando a inversão de seus valores metropolitanos ensejam uma resistência ou surpresa ao se deparar com a exuberância da natureza que não podia ter experimentado nas literaturas de viagens e mapas que nas bibliotecas londrinas pareceriam descrever todas as minúcias da Amazônia.

Ao fazer uma crítica à Lei dos Pobres³³, teima em comparar para depreciar: “Somente o homem de longa cultura podia pensar em semelhante insulto ao Todo-Poderoso [...] Mas esses selvagens da floresta brasileira não sabem nada da piada imortal concebida por seus irmãos mais inteligentes” (p.147). O insulto a Deus é por querer resolver os problemas da miséria e mendicância com uma lei que ao mesmo tempo em que pretendia amparar as famílias obrigava os homens a cumprirem tarefas por quantias aviltantes e os empreendedores que recebiam os serviços se desobrigavam assim de lhes pagar salários, o que era bom para a burguesia e ruim para os assistidos. A piada a que se refere são as críticas e ironias de Charles Dickens em sua obra *Oliver Twist* (1838), ao denunciar que a (segunda) Lei dos Pobres levada a efeito em 1834 impunha um regime de fome prolongada, punição física, humilhação e hipocrisia. Novamente enfatiza literalmente a dicotomia entre bárbaros e civilizados: “selvagens da floresta brasileira” e “seus irmãos mais inteligentes” (ingleses).

O piloto-comandante, o prático³⁴, que substituiu um outro, que ficou temeroso pelas notícias do rio Madeira, é dito possuir uma “suposta postura pertencida por direito a um oficial britânico em um grande momento” (p.176) e são comentados com certa ironia seus modos de se despedir dos amigos no porto. A cultura que chega olha a cultura nativa com estranheza, por adotar costumes diversos dos seus, e em atitude intolerante e de rejeição busca satisfazer seu gosto por classificar de exótica a diversidade. É a ação do racismo colonial que evidencia as diferenças culturais em benefício do colonizador e que estabelece

³³ A Lei dos Pobres : Primeira Lei Assistencialista e Política de Bem Estar Social, implementada na Inglaterra a partir de 1601, no final do reinado de Elizabeth I. Na verdade um aproveitamento de uma lei legalista assistencialista de 1597, visando atender as necessidades criadas pelo êxodo rural, que trazia mendicância e conflitos nas ruas das cidades àquela época e que foi reeditada em 1834. Fonte: Web Artigos

³⁴ Prático - Indivíduo que conhece a fundo os acidentes hidrográficos e topográficos de áreas restritas marítimas, fluviais e lacustres, e que através delas conduz embarcações de forma segura; Piloto; Timoneiro. Fonte: Aulete digital.

esta relação como fato comum ao generalizar o estereótipo e coletivizar os nativos em um único grupo.

“No Madeira, como em qualquer parte do mundo das Amazonas, uma porção da floresta está em *terra firme*, como se chama aquela terra que não alaga quando as águas sobem” (p.180). A primeira alusão feita a esta região, referenciada como das Amazonas, veio pela pena do Frei Gaspar de Carvajal, em um documento chamado de *Descobrimento do Rio de Orellana* (1541/2), recheado de citações de povos nativos possuidores de grandes riquezas (GONDIN, 2007, p.97 a 99). O narrador tomlinsoniano referencia com o passado, talvez com aquele mesmo pensamento encontrado nos livros de onde cita os mapas de localização do Brasil, de Sir Walter Raleigh, Golden City of Manoa (a cidade dourada do lago onde se banhava o índio coberto de de ouro – El Dorado).

Quando o autor empírico toma as anotações que viria a usar em sua literatura de viagens, ainda o látex da seringueira, *Hevea brasiliensis*, vivia seu auge, o chamado primeiro ciclo da borracha, mas ele via com enfado e aborrecimento as conversas dos brasileiros sobre o assunto: “é uma blasfêmia, que em semelhante terra e potencialmente opulenta, o suco de uma de suas árvores silvestres seja motivo de assunto [...] como se fosse ato da Providência” (p.193). E se estende em sua indignação crítica: “Os brasileiros não conseguem ver outra coisa ali, a não ser borracha. As qualidades gerais desta terra [...] são insignificantes para eles. Eles não vêem nada nela, absolutamente, a não ser a comodidade detestável que é a sua ruína” (p.193). Novamente a crítica à indolência, preguiça e comodismo com que os europeus insistem em ver os latinos, por fim concluindo sua argumentação: “Não há manufaturas, nem agricultura, nem indústria de pesca, e nem serrarias, em uma região que poderia alimentar, vestir e abrigar a população de um continente” (p.193). É o retrato mítico do inerte colonizado que Albert Memmi registra, explicando que além de tudo é economicamente lucrativo. “Nada poderia justificar melhor a posição privilegiada do colonizador do que sua diligência, e nada poderia justificar melhor a destituição do colonizado do que sua indolência” (1991, p.79).

O narrador, notando a indiferença com que é visto o navio e a tripulação pela população nativa, reflete que fizeram uma longa viagem para estar ali, como se esperasse ser recebido com louvor e admiração, esquivando-se de lembrar que está sendo pago para transportar os implementos ferroviários. Faz então um registro histórico em sua narrativa, ligando-a à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: “Rapazes, eu sou o velho Jim. [...] Ele tinha seu jovem filho com ele, um primo e dois negros, e ele havia começado a ferrovia” (p.212). É o eurocentrismo que vê todos os seus atos como valiosos e justificados e quer que o outro a quem vê como subalterno lhe seja grato por lhe trazer a *civilização*. “O mesmo raciocínio é também verdadeiro para a notória ingratidão do colonizado; os atos de caridade do colonizador são desperdiçados, as melhorias que o colonizador fez não são apreciadas” (MEMMI, 1991, p.82).

O narrador já fizera críticas à indolência, à comodidade e de que não existiam indústrias além da exploração “do suco de uma de suas árvores”, mas questiona o único empreendimento em transportes que é a construção da ferrovia, para a qual contribuía a viagem do Capella: “Calma, esta ferrovia será feita. Sim, as pessoas que não sabem para que ela servirá a constroem um pouco e morrem, e mais pessoas que não sabem para que ela servirá e, que não a utilizarão quando estiver construída, a terminarão” (p.223). O olhar crítico e depreciativo sempre estará presente pois é a estigmatização do outro o que valorizará a colonização. Em outras palavras, a afirmação de Memmi (1991, p.83): Como pode alguém ver o colonizado como inferior e fraco, preguiçoso e atrasado?” Não se importam de lhes atribuírem características incompatíveis. “É a prova adicional de que é inútil buscar consistência em qualquer lugar exceto no próprio colonizador (1991, p.83).

Um cortesão, uma vez, deu sua capa à rainha Elizabeth para proteger-lhe os pés; mas o que significa isso, quando estes homens dão seus corpos para construir uma estrada mais fácil para o comércio de seus companheiros? Eles dizem que cada dormente, na ferrovia tropical, representa a vida de um homem. O humano conquistador, que vive pela morte! (p.224).

O pensamento oscilante do narrador novamente se manifesta e exalta a bravura ou temeridade dos trabalhadores que constroem a Madeira-Mamoré, embora não diretamente, pois atribui o destemor ao *humano conquistador*, deixando espaço para se incluir no panteão.

Quando descreve a população flutuante de Porto Velho vê os nativos simplesmente como os outros, obliterando deliberadamente sua visão das cores prismáticas do sol em incidência tropical, para ver com descaso à iluminação que resta de um lusco-fusco do *fog* londrino, onde tudo é cinza, vultos e sombras: “Porto Velho tinha uma população de aproximadamente trezentas pessoas. Havia norte-americanos, alemães, ingleses, brasileiros, alguns franceses, portugueses, alguns espanhóis e uma *multidão de negros e negras*” (p.249) – (grifo nosso). Sob o menoscabo desta denominação abrigavam-se brasileiros, de diversas origens africanas, que vieram pela exploração do látex, e indivíduos de outras nacionalidades atraídos pela construção da estrada de ferro, tais como os antilhanos, jamaicanos e afro-caribenhos, chamados aqui de barbadianos, população esta com formação escolar, considerada como um grupo letrado, especializado e superior, tendo servido como tradutores e intérpretes e suas mulheres tendo desempenhado papel importante no sistema educacional, hospitalar e cultural, ainda hoje lembrada sua importância. Aqui estão ainda presentes estes vultos históricos, representados pelas famílias Shockness, Jhonsson, Blackman, Holder, Danin, Banfield, Julien e outros, conforme lembra Hélio Rodrigues da Rocha em sua obra *O mar e a selva, sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil*, publicada em 2012.

O narrador de Tomlinson começa a chamar seu navio pelo nome de uma estrela batizada pela mitologia, que a identifica como a cabra de Zeus e como não poderia deixar de ser, seu navio estrela, aos saltos como uma cabrita subindo uma montanha, corcoveia nas ondas do mar de *Atlas* até chegar nas águas de *Iara* e em solo brasileiro, onde finalmente se depara com a materialização de seus temores e apreensões, em forma de criaturas da selva, índios selvagens, onças, sucuris, (de 22 pés de comprimento e três pés de largura, no meio) e outras cobras; jacarés e piranhas; as intempéries locais,

quase um dilúvio; correntezas e redemoinhos. Acima de tudo ou por todos os lados, o que mais o atemorizava eram os mosquitos, os insetos voadores, transmissores de doenças tropicais como malária, febre amarela, dengue e outras; piuns, que lhes deixaram marcas vermelhas que muitas vezes inflamavam; mutucas, das quais temiam a coceira resultante de sua picada dolorida; carrapatos; e menos temidas, mas sempre presentes, estavam as abelhas do suor, as borboletas e a companhia constante desde Swansea das baratas inglesas, tripulantes parasitas e habitantes primevas do S.S.Capella.

Aquela pequena ferrovia começará e terminará em lugares tendo nomes que pouco significarão para o pessoal fora do Brasil; mas, para conhecer que prova de valor, mas principalmente o que os ferroviários e despreocupados ignoram dos deuses que puseram florestas ameaçadoras vigiadas por dragões – os dragões da mitologia eram cordeiros comparados ao que são os mosquitos (p.281).

6 - AMAZONIA – VISTA POR JAMES ROLLINS CEM ANOS DEPOIS

Fazendo eco ao que foi dito como preâmbulo ao sulcar das ondas do S.S.Capella, de Tomlinson, nós, agora, buscamos conhecer o discurso de Rollins ao se embrenhar nas selvas amazônicas, por isso julgamos de bom alvitre ter uma descrição panorâmica em que possamos saber de antemão aonde chegaremos pela trilha de seu enunciado, e neste então perceber o discurso embutido. “Um olhar lançado sobre um texto do ponto de vista de sua estruturação ‘em língua’ faz dele um enunciado; um estudo lingüístico das condições de produção deste texto fará dele um discurso” (GUESPIN, 1971, p.20)

6.1 – DESBRAVANDO A SELVA

Um livro de suspense, com elementos da ficção científica, onde se incluem diversos elementos de tensão, mistérios por trás de desaparecimentos em missões exploratórias, lendas de povos distantes alimentando esperança em curas de doenças atuais e previstas, regeneração de membros, coagulação de cortes profundos e outros. Vem apresentando a Amazônia como um espaço rico em animais desconhecidos, biomas separados e preservados desde

tempos imemoriais, parados no tempo, possuindo um parque riquíssimo de recursos genéticos e biológicos à disposição de quem quer que conheça seu potencial. Neste sentido, as indústrias farmacêuticas presentes na trama que não se detém por qualquer coisa que seja para apropriar-se de insumos químico-biológicos com que possam expandir suas atividades lucrativas.

Um soldado das forças especiais (Clark) que perdeu o braço esquerdo na guerra do Iraque vem para a Amazônia em busca de cientistas desaparecidos e após quatro anos sumido chega a um acampamento onde morre. O fato ao ser noticiado aos militares americanos faz com que tomem conhecimento de que seu agente, identificado pelas digitais, possui novamente os dois braços como se nunca houvesse perdido um deles e imediatamente solicitam o repatriamento do corpo para que fosse estudado. Por todo o percurso por onde passa, o corpo dissemina uma doença mortal, ocorrência que só é percebida pelos estadunidenses quando o corpo chega aos Estados Unidos e começa fatalmente a adoecer seus habitantes. Imediatamente é mandada nova expedição à Amazônia para descobrir a cura para aquela epidemia. Um estadunidense (Nathan Rand), filho de um dos cientistas desaparecidos (Carl Rand) quando da primeira das expedições citadas, é enviado junto, pois conhece dialetos indígenas e tem conhecimentos da selva.

A expedição enfrenta o temor da tribo Ban-Ali, os conhecedores da utilização de venenos e da criação e domínio de feras selvagens, piranhas anfíbias que atacam em terra, de morcegos alterados geneticamente que matam em poucos minutos, de grandes jacarés e de agigantadas onças negras, chamados no texto de jaguares. Os candirus também não foram deixados de lado, são “pequenos peixes de duas polegadas [...] que têm o desagradável hábito de nadar subindo pela urina e se alojar na uretra dos humanos”, somente podendo ser retirados através de procedimento cirúrgico. O que choca os ouvintes de Nathan, os militares e profissionais da saúde, é que ele sugere que se o candiru entra na uretra de um homem, para retirá-lo terá que cortar o pênis fora. Ao que um deles repete: “Cortar o pênis fora?!” E Nathan ironiza: “Bem vindo à floresta” (p.109). O tamanho citado do candiru é em sua fase jovem, pois pode crescer até 18 centímetros, ficando largo e grande o suficiente para,

nesta fase, produzir cicatrizes, rapidamente, ao encostar de sua boca na pele de humanos. Professor Kouwe, indígena que conhece idiomas e dialetos de muitas tribos conclui o assunto: ...”a floresta deve ser respeitada [...] é tanto um lugar de beleza quanto de perigo. Contém a habilidade de curar tanto quanto a que faz adoecer” (p.110).

Além de tudo isto, a expedição de resgate terá que enfrentar mercenários altamente treinados que servem aos interesses de ambiciosos coletores de matéria prima a serviço das indústrias farmacêuticas, cujo chefe é aliado de uma cruel e bela índia equatoriana que conhece profundamente o fabrico e a utilização de venenos e é adepta da prática dos encolhedores de cabeças. Ao matar os inimigos ou desafetos a índia escolhe uma maneira que não danifique seu artístico e mórbido trabalho final, fator de horror e suspense na trama.

O narrador habilmente importa assim uma índia do Equador, de onde este tipo de cultura se tornou conhecida, para mexer com o imaginário do leitor num tema típico de características orientalistas explorando o exotismo associado ao temor do desconhecido e à selvageria da floresta.

Após finalmente conseguir ultrapassar trechos de grandes rios na floresta, em que os indígenas da tribo Ban-ali criam e alimentam enormes jacarés que atacam tudo o que boiar neles, enfrentam os jaguares e de um dos militares são arrancadas as pernas, contudo a maioria consegue se safar das enormes onças negras.

Chegando àquele lugar que parece estar localizado ainda no tempo pré-histórico, entre escarpas íngremes e pedregosas, em meio a florestas de árvores e vegetação não mais existentes em outros lugares, se deparam com a árvore de cuja seiva se alimentam aqueles grandes e estranhos animais que foram alterados geneticamente por ela. Os indígenas Ban-ali usam de sua seiva para estancar o sangue e atuar na regeneração dos membros que tinham sido amputados pelas onças.

Descobrem-se então na aldeia indícios da presença de um dos cientistas (Carl Rand) e indicações de como curar a doença gerada pelo afastamento daqueles que se submeteram a tratamento com a seiva da árvore, e os outros infectados por onde havia passado o corpo do soldado. Neste momento os mercenários comandados por um francês atacam a tribo com bombas e aprisionam alguns dos americanos. Depois de recolher quantidades de seiva para servir de amostra para o laboratório farmacêutico, armam bombas para explodir após suas saídas.

Os americanos por fim conseguem se safar e entram por um túnel ao longo das raízes da árvore sagrada, que se comunica com a floresta exterior a fim de alcançarem os mercenários e resgatar uma das prisioneiras. O local da aldeia Ban-ali vai pelos ares com todos os seus segredos e em seguida, os americanos que supostamente não estariam mais vivos dominam os mercenários e podem chegar à civilização com os insumos que promoverão a cura da epidemia deflagrada.

Em suma, um *thriller* de literatura de viagens com os matizes da ficção científica em que o leitor não descansa dos acontecimentos vertiginosos que se desencadeiam. Uma narrativa escrita para um leitor que tem outras diversões e ocupações e por isso não pode perder tempo com descrições, as que se fazem presente são feitas em meio a uma correria e tensão, ao modo de um Indiana Jones que tem uma pedra rolando atrás dele e precisa resolver e enfrentar o que está à sua frente sem parar nem por um átimo que seja, e assim nesta correria os cenários aparecem e desaparecem rapidamente.

A narrativa, por ser vertiginosa em fatos, chama a atenção do leitor para a ação, que se identifica com os protagonistas. Quanto ao cenário em que se delineiam os acontecimentos, este é absorvido sem contestação, sendo desta forma transmitidas mensagens subliminares através deste tipo de expediente. Esta literatura de viagem é mais ficcional do que real, se é que assim se pode classificá-la, considerando a representação pela importância mostrada entre o que seja real e o que seja o simulacro. Nossa observação de que seja mais ficcional decorre de que suas descrições de cenários e lugares são de tal forma

gerais que poderiam ser de qualquer espaço geográfico, por isso não são passíveis de serem localizadas geograficamente, ao contrário das descrições da narrativa de Tomlinson observada anteriormente.

6.2 – EVIDÊNCIAS E MARCAS COLONIAIS

Da mesma forma elencarei algumas passagens para que seja evidenciada a mensagem, de modo subliminar ou mesmo às claras, que transmite o narrador de James Rollins em sua obra *Amazonia*³⁵.

Dois anos antes de seu desaparecimento, o agente Clark foi atingido por uma bala em seu braço esquerdo durante uma missão de reconhecimento no Iraque. A gangrena se instalou antes que ele chegasse ao acampamento americano. O membro teve que ser amputado no ombro, finalizando sua carreira com as forças especiais do exército.

- Mas o corpo no necrotério tem os dois braços.
- Exatamente, as digitais do lado esquerdo combinam com aquelas colhidas antes do tiro. Parece que o agente Clark entrou na Amazonia com um braço e voltou com dois.
- Mas isto é impossível. Que diabos aconteceu lá fora? [...]
- Isto é o que pretendo descobrir (p.16).

Esta a motivação inicial da narrativa, estimulando a curiosidade do leitor sobre a possibilidade de regeneração de membros de seres humanos. Na ciência só existiam estudos sobre a regeneração de membros de salamandras, lagartixas e seres semelhantes, mas atualmente se descobriu que os responsáveis pela regeneração são os fibroblastos que o corpo humano também possui, entretanto nas salamandras eles agem de forma primitiva, sem formar cicatrizes como nos humanos. É um assunto interessante, mas de mecanismos desconhecidos, como desconhecida é a Amazônia, e mais ainda a fabulosa Amazonia inventada pelos europeus, que “pressionados por adversidades comuns [...] sonham encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude” (GONDIM, 2007, p.13). Este paraíso terrestre, solução para as vicissitudes materiais, somado à possibilidade da regeneração corporal, abrirá suas portas na selva amazônica, englobando sua biodiversidade, os biomas, a água potável dos aquíferos amazônicos e em seu âmbito microscópico, permitindo o apoderamento dos insumos e recursos biológicos utilizados na biotecnologia.

³⁵ As referências do livro são **ROLLINS**, James. *Amazonia*. New York: Harper Collins, 2010. Dos excertos citados a responsabilidade pela tradução é nossa, pois não existe publicação em Português. Após as citações será referenciado somente o número da página, entre parênteses.

O exótico e o imponderável que já foram apresentados se transferem para a ação, na luta entre Nathan Rand (o protagonista) e uma anaconda, para salvar uma jovem índia, Tama. O bravo estadunidense defende o nativo de seu próprio meio. Após ser encontrado com a criança desmaiada os indígenas a levam e ignoram as explicações de Nathan, sobre quem resta uma sombra de dúvida. Teve ele mesmo que propor uma luta de vida ou morte para que pudesse ser ouvido. Teria que enfrentar as armas do pai de Tama. “Ele estava aqui para salvar Tama, e por ter feito aquilo, teria que matar o pai dela” (p.34) argumenta o narrador em terceira pessoa. O benfeitor faz o bem e ainda é incompreendido, tendo que por em risco, mais uma vez, a própria vida. É como se dissesse, eu venho do centro do mundo para te salvar e te ensinar a viver em teu próprio meio, e tu deves me agradecer pela ingerência. Quer ter o direito a ser entendido, mas não quer entender a diversidade da cultura do outro.

Quando Nathan desce o rio até a cidade de São Gabriel levando Tama para ser cuidada - após esta ter ficado consciente e contado de seu salvamento por ele - este vê uma índia espalhando um pó, *Ayaeya* (tingui), no rio, para atordoar os peixes, que serão flechados a seguir. Nathan se questiona quanto tempo esta tradição persistirá. Mas “se acomoda em seu lugar, sabendo que certas batalhas ele não poderá ganhar. Para o bem ou para o mal, a civilização continuará sua marcha através da selva” (p.39). “Certas batalhas não poderá ganhar”, subentende o narrador o desfecho da trama e sugere outras significações, mesmo que não possa manter a tradição a civilização vencerá através da selva. Que civilização? A nativa é que não, por certo não é nem mesmo assim considerada. Então a sugestão é de que será a civilização aos moldes europeu/estadunidense.

Aqui a selva se mantinha em todas as suas formas. Parecia sem fim, impenetrável, cheia de mistérios. Era uma das últimas regiões do planeta que ainda não tinha sido completamente explorada. Havia vastas extensões nunca pisadas pelo homem. Era este mistério e maravilha o que tinha atraído os pais de Nathan para desperdiçar suas vidas aqui, eventualmente infectando seu único filho com seu amor pela grande floresta (p.39).

“A selva em todas as suas formas... sem fim, impenetrável, cheia de mistérios... região que ainda não havia sido *completamente* explorada... nunca pisada pelo homem”. O eco dos argumentos de quem busca o jardim edênico e dá mais um aviso, praticamente um anúncio comercial: ainda não foi completamente explorada e mesmo vastas extensões nunca foram pisadas pelo homem. Tudo ainda está lá. Parece dizer que é um lugar sem dono, sem soberania e sem interesse para os nativos. Protesta, porém, contra o foco de civilização promovido pelo poder público que encontra: “A pequena cidade de São Gabriel³⁶ aparece como um câncer que tivesse carcomido o ventre da floresta” (p.40). Diz que está inexplorado e o que está sendo feito, fez-se de maneira errada; isto visto pelos olhos supostamente corretos, civilizados, da cultura que chega. Não existe possibilidade de relacionamento harmônico entre colonizador e colonizado. As ações não subservientes do colonizado já contrariam o desejo do colonizador. “A colonização contemporânea carrega uma contradição inerente que, cedo ou tarde, causará sua extinção” (MEMMI, 1991, p.146).

Tama, ainda no hospital, em estado de estupor, gemendo e se remexendo, não reage à medicação paliativa dos médicos, é quando se dá um diálogo: “o xaman da aldeia era capaz de retirá-la do estupor em curto tempo”. “Acho difícil de acreditar [...] ele não teria medicação forte o bastante para quebrar este ciclo”, diz a médica. Nathan retruca: “Não reduza o xaman de uma tribo a um mero feiticeiro. Tenho trabalhado por anos com eles”. Continua a médica: “Bem, sábio ou não, temos medicamentos mais fortes aqui. Medicina verdadeira” (p.45). A diversidade cultural posta em dúvida. O outro tem sua medicina, mas a minha é que é verdadeira, pensa a médica americana. Após o xaman ter feito aplicação de um pó nas narinas de Tama (antiespasmódico), e esta ter reagido bem, se dobra a médica em desculpar-se, e lhe diz Nathan: “Etnocentrismo ocidental é uma grosseria comum por aqui” (p.51).

³⁶ São Gabriel da Cachoeira é o nome da cidade e do município desde 1938, antes, como Freguesia e Vila, era chamada apenas de São Gabriel. Município no estado do Amazonas que faz fronteira com a Venezuela e Colômbia, ponto estratégico na segurança das fronteiras brasileiras, guarnecido pelo 5º Batalhão de Infantaria de Selva – BIS. Em um caso inédito na federação brasileira foram reconhecidas, como línguas oficiais, ao lado do português, três idiomas indígenas (Lei Municipal 145/2002): o Nheengatu, o Tucano e o Baniwa, línguas tradicionais faladas pela maioria dos habitantes, dos quais 74% são indígenas. Fonte: Wikipédia. São Gabriel da Cachoeira.

O narrador de Rollins que não entabulou relações com os curandeiros indígenas apenas utilizou as pesquisas de PLOTKIN, Mark, publicadas como *Tales of a Shaman's apprentice*³⁷, em sua lida de escritor de livros de viagens, a serem lidos por passageiros aéreos em viagens de curta duração. O etnobotânico Plotkin construiu esta obra estudando a interação entre sociedades humanas e as plantas, do extremo noroeste da Amazônia, aplicação e usos tradicionais dos vegetais e animais silvestres por seus nativos, conhecimento utilizado para a sobrevivência em seus habitats especialmente com relação à cura de enfermidades. Discorre tanto sobre a fabricação de venenos pelos Xamans, processo secreto e ritual, quanto sobre o conhecimento tradicional passado de pai para filho e descreve os incomuns anfíbios, os gigantes jacarés negros ou black caimans. Suas pesquisas abrangeram a Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa e seu contato se estendeu a tribos na fronteira destes países com o Brasil. Concentra quase a totalidade dos temas explorados em *Amazonia*.

O narrador de Rollins percorrendo a pena de Plotkin embebe a própria pena na admiração deste pelo conhecimento tradicional dos nativos. Expressa assim a contradição entre seu voraz olhar estrangeiro que num átimo chega às próprias conclusões ao examinar a cultura, no mínimo centenária, do outro, dali expressando o que de interessante e exótico julga conter para fins de sua literatura de viagem, e por outro lado se desdobra ao resultado do estudo demorado e aprofundado feito por seu conterrâneo. De forma similar à de La Condamine, a

descrição [de Rollins] é escrita não como relato científico, mas no gênero popular da literatura de sobrevivência. Junto à navegação, dois grandes temas da literatura de sobrevivência são as dificuldades e o perigo por um lado, e as maravilhas e as curiosidades por outro (PRATT, 2008, p.20).

Continua Pratt, descrevendo as características do texto de literatura de viagem que usou La Condamine: ao adentrar a Selva disse ele encontrar um novo mundo, longe de todo comércio humano, sobre um mar de água fresca, tendo observado novas plantas, novos animais e novos homens. E que a selva

³⁷ Contos de um aprendiz de Xaman. PLOTKIN, Mark J. *Tales of a Shaman's apprentice*. New York: Penguin Books, 1993. Sem tradução em português

permanece um mundo de fascinação e perigo (2008, p.20). Estas as características da literatura de sobrevivência embutida na literatura de viagem de Rollins.

O narrador chama atenção para o tema medicamentos e inicia o debate, entre a medicina indígena, prática e funcional, pela visão de Nathan, (alter ego do escritor) e a medicina *verdadeira*, da Doutora Kelly, teórica e experimental. Seu intuito é aprofundar o tema, o que trará verossimilhança à trama, valorizando a cultura indígena, mais precisamente a da tribo Ban-ali, cujo refluxo de vida é derivado do fluxo primordial da essência da Yagga³⁸, a árvore que produz a seiva que promoveria a regeneração até de membros humanos, causando como efeitos associados alterações genéticas nos animais que se alimentarem da exsudação de seu tronco, de suas flores e frutos.

Eco-tek tinha sido idéia de seu pai. Era uma empresa farmacêutica que tinha tentado utilizar o conhecimento xamânico como meio de descobrir novos medicamentos botânicos. O pai dele [de Nathan] queria preservar a sabedoria dos curandeiros da bacia amazônica em processo de desaparecimento e garantir que essas tribos locais lucrassem com o seu próprio conhecimento através de direitos de propriedade intelectual (p.56).

Uma discussão atual, a pirataria de recursos biológicos associada a possíveis recusas de pagar direitos autorais aos nativos pelo conhecimento do modo *in natura* de produzir mezinhas (receitas tradicionais). Ocorrências sabidamente conhecidas por todos com relação a diversos produtos brasileiros. Mas aquele sonho teve fim com o desaparecimento de Carl Rand e a entrada da empresa Telux Farmacêutica, que por seus prepostos financiava os mercenários. Ao mesmo tempo em que o narrador deixa marcas colonialistas, por não conseguir se distanciar da cultura do próprio autor-empírico, alude a temas que expõem os mecanismos por onde se desenrolam atividades ilegais, antiéticas e contrárias à soberania da nação.

³⁸ Yagga – termo presente em diversas culturas; de origem jamaicana (Rastafári) traz o sentido de alegria ou concordância, de uso atual; termo da cultura eslava que significa ser sobrenatural; na cultura russa o termo Baba-yaga significa a avó do demônio; e na língua dos índios uma variação – Yakka – entre os Yanomanis significando mãe.

Neste mesmo sentido, um militar americano conta que o corpo do agente Clark deveria ir de Manaus para os Estados Unidos, para ser examinado pelos pesquisadores da MEDEA, e ao ser indagado explica:

Em 1989 aconteceram audiências no congresso do EUA sobre se os dados coletados pela CIA através de seus sistemas de satélites de vigilância poderiam ser úteis para se estudar e monitorar as mudanças globais do meio-ambiente. Como resultado, a MEDEA foi formada em 1992. A CIA recrutou mais de sessenta pesquisadores de vários campos ligados à área ambiental em uma só organização para analisar os dados classificados por conta da preocupação ambiental (p.65).

O próprio nome da agencia MEDEA está a nos lembrar a feiticeira Medeia da Mitologia Grega, uma personagem dúbia, pois se começa servindo, logo após ser contrariada, se volta em uma vingança contra os que ajudou. Em inglês Medeia escreve-se mesmo *Medea*. Dados alegadamente coletados para estudar o meio ambiente servirão em um segundo momento no mínimo para espionar e servir de apoio em missões sigilosas em territórios não estadunidenses. O narrador adianta a informação que viria a ser publicada em todas as mídias dez anos depois. A desconfiança excessiva, tendente a um tipo de transtorno psicológico conhecido como paranoia, que nestes dias atinge o governo dos EUA na questão segurança, os fez ultrapassar todas as leis do direito internacional e agir com ingerência até sobre países aliados e seus próprios compatriotas. Frank, o militar americano explica que em 1997, o vice-presidente Al Gore (no governo Clinton, entre 1993 e 2001) fundou um centro ambiental na CIA englobando a antiga MEDEA. A criação da própria MEDEA se deu por sua iniciativa quando era Senador. Mais um registro histórico, nesta mistura de ficção e realidade, de onde não mais sabemos onde começa uma e termina a outra, parecendo mesmo que se imbricam indistintamente, se fundem e nos confundem.

A respeito desta questão, vejamos o que se encontra no verbete *Meio ambiente e Segurança*, no site Enciclopédia da Terra³⁹:

Como a ligação entre meio ambiente e segurança desenvolveu-se, então, o senador Al Gore reconheceu a importância de interligar o acervo e sínteses dos dados científicos dos domínios públicos e sigilosos [obtidos pelos órgãos de inteligência]. Gore entrou em contato com Robert Gates, então diretor da CIA, para que pudessem iniciar mutuamente projetos de apoio [entre meio ambiente e segurança]. Gates concordou e as discussões que se seguiram levaram à criação de um grupo

³⁹ Fonte: Encyclopedia of Earth. Environment and security.

baseado em ciência chamado MEDEA. O nome MEDEA foi escolhido, por Linda Zall, oficial da CIA, da personagem da mitologia grega que ajudou Jasão e os argonautas a *roubarem* o Velocino Dourado [lã dourada]. – grifo nosso

A todos os seus cientistas foi dado acesso aos dados e informações altamente sigilosos, reunidos pela inteligência [espionagem]. Aos cientistas foi permitido estudar os dados arquivados e sugerir usos inovadores dos recursos da CIA para pesquisa científica. Os cientistas da MEDEA eram capazes de acessar os dados de satélites espiões dos EUA e estudar doze sítios ecologicamente delicados ao redor do mundo.

Como se pode ver, a intenção foi nomear o grupo com o nome de quem ajudou Jasão e os Argonautas a *roubarem* o Velocino Dourado. Omitiram porém a circularidade do personagem que se volta contra quem ajudara inicialmente quando contrariado. Se espionam para ajudar com relação ao meio ambiente, tais dados poderão ser (e serão) usados para outros objetivos estratégicos. Vejam que a literatura alertou por meio da representação o que veio a ser confirmado pelas denúncias do próprio pessoal interno da CIA após uma década. O imperialismo e a colonização estão muito bem vivos, alertas e operantes.

Discutem a seguir sobre um mapa, a rota da viagem da expedição do cientista Carl Rand, que saíra “de forma aleatória a partir de Manaus no rumo sul ao longo do rio Madeira até atingir a cidade de Porto Velho, de onde viraram na direção norte entrando no coração da bacia amazônica” (p.67). Coincidentemente a mesma rota que singrou o Capella em direção a Porto Velho, um século antes.

Os Ban-ali, os Jaguares de Sangue, *Blood Jaguars* são referenciados pelos próprios nativos como “mitos de uma tribo que se une com onças e cujos membros podem desaparecer no ar” (p.71). É a utilização dos mitos de países situados a noroeste do Brasil incorporados à Amazônia brasileira. Manifestação do caráter exótico pelo narrador, com as implicações já citadas.

Jaguares são também chamadas na Amazônia as onças-negras, resultado de mutações genéticas ocorridas em onças-pintadas, *Panthera onça*, da família *Felidae*. Além da pigmentação da pelagem, ocorrência natural, sugere-se que seu tamanho avantajado descrito na narrativa seja proveniente de mutação induzida pela seiva da Yagga.

O narrador conta que o chefe dos mercenários, Louis Favre foi capturado e encarcerado pelo exército brasileiro, mas por suas “conexões na França e dinheiro bastante para molhar a mão de uns poucos corruptos oficiais brasileiros” (p.82) escapuliu com nada mais que um tapa no traseiro. Denúncia ou ironia preconceituosa? “Uma vez que o colonizado é presumido um ladrão [ou desonesto], ele deve de fato ser vigiado por causa disto (sendo suspeito por definição, por que não deveria ser culpado?)” (MEMMI, 1991, p.80).

A luta dos mercenários era para conseguir obter compostos regenerativos que se acreditava terem sido descobertos por Carl Rand, o que chamaram de “ouro verde” e que ocasionaria uma nova corrida do ouro na Amazônia.

O pensamento do autor empírico emerge no narrador quando este se põe a exaltar a natureza num sobrevôo de helicóptero e contempla “um vasto mar de verde se espalhando do horizonte em todas as direções. [...] era como se o mundo inteiro fosse somente florestas. [...] De qualquer maneira, a selva permanece suprema, impenetrável, sem fim” (p.93). Esquece, porém, o caboclo e o indígena que vivem na mata e precisam conseguir sustento. O sentido é de que se preserve a floresta a qualquer custo, sem reconhecer o direito do nativo de sobreviver dela. Mary Louise Pratt nos alerta pra este tipo de narrativa, “um tipo de narrativa altamente atenuada que parece fazer todo o possível para minimizar a presença humana” (2008, p.58).

Através do olhar maravilhado de uma personagem, Kelly, o narrador expressa sua veneração: “Ao contrário dos velhos filmes, o sub-bosque da floresta amazônica não era uma massa coalhada de cipós pegajosos e coberta de vegetação. Ao invés disto, mais parecia que [eles] estavam marchando através de uma verde catedral” (p.106). Busca o sagrado da natureza de maneira que sua autoridade seja incontestável e não se possa contrariar o projeto de preservação.

O fenômeno autoridade parece-nos não poder prescindir de uma transcendência – seja ela religiosa: os deuses ou Deus, ou laica: o estado-deus, ou então o sentido da história – de onde fluiria, de cima para baixo, investindo por degraus e de modo hierárquico aqueles que dela hão de ser revestidos (MENDEL, 1973, p.58).

Se a manobra da preservação avança sobre o estabelecido no direito internacional das nações, recusando-se a reconhecer-lhes a soberania é porque se pretende fundamentada no argumento da legitimidade e não no da legalidade. “As estratégias de legitimação visam a determinar a posição de autoridade que permite ao sujeito tomar a palavra” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p.295). Por isso o narrador usa o expediente da transcendência da natureza, sua catedral verde, para sobrepor seu discurso na “construção discursiva que é a Amazônia”, nas palavras de Ana Pizarro (2005).

Mais argumentos preservacionistas são apresentados ao lado da ação, no caso ao lado da fogueira, aquecendo ainda mais os homens: (Manny, professor indígena) - “Como poderias ser contra estabelecerem-se restrições à indústria madeireira? [...] Madeireiras comerciais são o único maior destruidor das florestas do mundo inteiro. Aqui na Amazônia estamos perdendo um acre⁴⁰ por segundo”. Richard Zane (membro da expedição, que depois vai trair Nathan e entregar aos mercenários os compostos químicos) contra argumenta: “Estas estatísticas estão muito exageradas pelos ambientalistas. São baseadas em ciência ruim e geradas mais pelo desejo de amedrontar do que de educar. Evidências mais realísticas das fotografias de satélite mostram que noventa por cento das florestas brasileiras estão ainda intactas⁴¹”. Retruca o indígena Kouwe, já a ponto de explodir: “Mesmo se a taxa de desflorestamento estiver exagerada como você reivindica, qualquer coisa que é perdida é perdida para sempre. Nós estamos perdendo acima de uma centena de espécies de plantas e animais a cada um único dia. Perdas para sempre” (p.118).

Continuam a debater, Zane sustenta que após oito anos de exploração da indústria madeireira na Indonésia a taxa de recuperação das árvores e animais nativos excedeu as expectativas. Argumenta que no Brasil, mineiros desflorestaram uma grande área de floresta e quinze anos depois os cientistas não conseguiram distinguir o que era floresta primária da do reflorestamento. E sugere que a exploração madeireira da floresta é possível. E indagado se acha

⁴⁰ O acre, medida agrária, equivale no Brasil a pouco mais de quatro mil metros quadrados (4.047 m²).

⁴¹ Nos dados do IBAMA a área de floresta preservada é de 60% em média no Brasil e não de 90%.

Fonte: IBAMA

certo então as queimadas produzidas pelos lavradores, respondeu afirmativamente. Questionado por Kelly sobre o efeito estufa e sobre a teoria de que a Amazônia é o pulmão do planeta, a maior fonte de oxigênio, argumentou que é uma cadeia fechada, o oxigênio que gera é consumido pelo fogo da decomposição depois, e que é na floresta secundária que as árvores jovens produzem oxigênio em abundância (p.118-119-120).

São debates atuais que não chegam a uma única conclusão pois argumentos existem de ambas as partes. Concordam porém quanto à destruição dos indígenas que diminuíram de dez milhões para duzentos mil nativos. Richard Zane acrescenta ser esta a tragédia, pois se os seus curandeiros morrem sem repassar seu conhecimento das propriedades das plantas e modos de preparo, aí as perdas são irreparáveis (p.120). A preocupação não é pelas vidas em si, mas pelo conhecimento do qual não lucrarão; é a visão de quem se beneficia das indústria farmacêuticas; e a seguir mostrará a que veio, para trair e entregar os componentes aos mercenários da Tellux Farmecêutica. E pelo exemplo da *vinca* de Madagascar - (*Catharanthus roseus*) estudada em suas propriedades combativas de cânceres, diabetes e por ter compostos anti-inflamatórios – concluem: “Toda planta tem o potencial de cura. [...] Ou talvez até mesmo para regeneração de membros” (p.121).

O narrador ainda trabalhando para a verossimilhança de sua narrativa baseia-se em dois suportes, o primeiro sendo a solução dos problemas orgânicos dos seres humanos, culminando na regeneração de membros, concomitantemente com a cobiça da indústria farmacêutica e o segundo, a sugestão do medo através dos mitos que vão sustentar o fantástico na narrativa.

Aqui, com a floresta acordando em um coro de silvos e chamados solitários, os mitos da mata fechada ganham substância e forma. Qualquer coisa poderá ser possível nas extensões perdidas da floresta. Mesmo a maldição dos Ban-ali (p.122).

A essência da Yagga, a mesma seiva que causa regeneração também causa degeneração, os chamados cânceres. Embora não se restrinja à dosagem,

mas nos recorda o que já dizia Paracelso⁴² há mais de 500 anos: “Não há nada na natureza que não seja venenoso. A diferença entre remédio e veneno está na dose da prescrição”⁴³.

Atualmente, três quartos de todas as drogas anti-câncer em uso hoje são procedentes de plantas da floresta. Assim, por que não existir uma planta que faça o oposto – cause câncer? [...] mas com efeitos colaterais benéficos... como regeneração (p.133).

Mesmo com o perigo de efeitos adversos apontados o uso das propriedades atrairia atenção da indústria farmacêutica, que teria que aprender a controlar as mutações malignas nas células. Atrai o interesse do leitor com a verossimilhança, combinando-o com as expectativas e carências das pessoas. Além dos argumentos durante o enredo, a edição do texto colocou no início de cada um dos atos em que foi subdividido, descrições de subprodutos da floresta amazônica: tais como *Curare* – diurético, febrífugo, relaxante muscular, tônico e veneno; *Vinca de Madagascar*, *bom-dia*, *boa-noite*, *maria-sem-vergonha* – analgésica, antibacteriana, antimicrobiana, anti-inflamatória, adstringente, cardiotônico, carminativo, depurativo, diurético, emenagoga, febrífuga, hemostática, hipotensiva, hepatoprotetiva, sedativa, espasmolítico, estomático e tônico; *Castanha-do-pará* – emoliente, nutritiva, antioxidante e inseticida; *Cola de cavalo*, *rabo-de-cavalo* – adstringente, anti-inflamatório, diurético e anti-hemorrágico; e *Unha-de-gato* – antibacteriana, antioxidante, anti-inflamatória, antitumorosa, antiviral, citostática, depurativa, diurética, hipotensiva, imunoestimulante, vermífuga e anti-mutagênica. Cinco produtos com uma lista extensa de indicações, apesar de plantas facilmente encontradas aqui no Brasil, para um leitor americano ou europeu causa curiosidade, e com estas descrições ele aumenta a verossimilhança da narrativa.

No argumento da trama coloca ainda o *copal*, uma resina exsudada de árvores da floresta tropical, que na realidade serve para fazer incensos, vernizes e

⁴² Paracelso - Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493- 1541) - foi um médico, alquimista, físico, astrólogo e ocultista suíço-alemão

⁴³ Fonte: Site do Dr. Dráuzio Varela entrevista com Antony Wang, médico pediatra, toxicologista e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

lacas, mas no enredo vai ser utilizado como combustível: “Copal colocado em um motor comum funcionará mais limpo e eficiente do que a gasolina”. Além de lhe ser atribuído mais “uma variedade de propósitos: curar feridas, tratar diarreia, aliviar sintomas de gripe” (p.183), além do que seria utilizado na odontologia moderna. O narrador impregna os dados reais de indicações medicamentosas produzidas a partir de algumas plantas, com especulações imaginativas e levianas, revelando-se um *narrador não confiável* (como definido por Wayne C. Booth), que embora ocorra mais em textos escritos em primeira pessoa, para demonstrar, por exemplo, quadros de instabilidade psicológica, neste, que foi escrito em terceira pessoa, está ocorrendo. O próprio narrador compromete assim a verossimilhança de sua narrativa.

Nathan Rand, o protagonista, apesar de conhecer línguas nativas e ter vivência na Amazônia, não é um nativo, muito menos um indígena e é representado frequentemente liderando e mostrando as atitudes que devem ser tomadas na floresta. É o narrador revelando o olhar imperial da cultura pretensamente dominante do autor-empírico, que mais que se esconder por trás do narrador, se revela amiúde, delineando Nathan Rand com mais conhecimento de selva e tudo o mais, que os nativos. “Nathan estava certo” (p.249), ao confrontar um biólogo, quanto a um animal que os atacou, ter guelras ao invés de pulmões. “Então os olhos do Professor [Kouwe – indígena] se arregalaram com o entendimento: ‘Brilhante, Nate [Nathan]. Eu deveria ter pensado nisto” (p. 253), ao sugerir ao nativo que usasse o pó de um cipó – usado pelos índios para pescar – e que o próprio nativo carregava, para jogar no rio e paralisar momentaneamente as piranhas anfíbias (que eles chamaram de piranhas sapos), para que pudessem atravessar a corrente. “Captain Waxman! O Plano de [Nathan] Rand está funcionando!” (p.258), não era o pó produzido pelos nativos para pescar que funcionara, mas sim o plano do estadunidense! A fala do narrador denuncia a visão colonial do autor empírico.

Em meio à tensão dos ataques de peixes ferozes, animais agigantados e seres incomuns, com baixas entre os militares da expedição, o narrador acalma o leitor com doses de ironia: é quando Kelly sai da casa comum dos indígenas Yanomani (Shabano) e encontra Nathan:

Ele tinha um cigarro pendendo de seus lábios, sua ponta em fagulhas vermelhas na noite. - 'Eu não sabia que você fumava'. - 'Eu não [...] ao menos não muito. [...] Eu precisava de uma desculpa para vir aqui fora'. - 'Sei o que queres dizer. Eu vim aqui pelo proverbial ar fresco'. Ele lhe passou o cigarro. Ela tomou um trago profundo e soprou a fumaça, liberando a tensão. - 'Nada como ar fresco'. E passou o cigarro de volta para ele. Ele tragou o cigarro mais uma vez, deixando-o cair e apagou com o pé. - 'Isto ainda vai te matar' (p.217).

Em meio a tantos perigos que colocavam a vida em risco num instante mesmo de um ataque das feras mutantes do nicho de selva conservado de priscas eras, a admoestação contra a ação prolongada do acúmulo de nicotina no sangue através de sua inalação: "Isto ainda vai te matar".

O narrador revisita indistintamente as lendas amazônicas em sua narrativa ocorrida na Amazônia brasileira. Entre elas a que envolve uma árvore chamada árvore-formiga, pois possui canais em seu lenho que permitem abrigar as formigas, e estas coabitando destroem a vegetação em redor de sua hospedeira, produzindo clareiras. Estas clareiras são chamadas pelos indígenas do Peru - onde ocorre o fenômeno, distante mais de dois mil quilômetros do lugar referenciado da ação - de Jardins do Demônio, Bosque de Formigas, e *Supai-Chacra*, ou Roçado dos Invisíveis, onde acreditam que os espíritos puros habitam e promovem as próprias queimadas, que são marcadas no lenho da árvore, além dos próprios plantios espirituais. A ocorrência da simbiose entre árvore e formigas é comprovada, mas o narrador motivado pelo fantástico atribui às formigas a cor negra - elas são parcialmente negras - tamanho e ferocidade além do real. A simbiose a que alude é entre a árvore da Yagga e os seres a quem submete, entre eles os seres humanos.

Numa visão pós-colonial podemos entender esta árvore como a metrópole que submete a colônia através da seiva que exsuda, que representa a mensagem cultural como forma de utilização ideológica envolvendo língua, literatura e saberes, que não é usada somente para ficção, pois além de informativa é formativa do imaginário que fornecerá ao colonizado o molde subalterno onde deverá se conformar e o complexo de inferioridade com relação à cultura do colonizador, que deverá adquirir e ostentar.

E mais uma vez a cultura que chega acredita conhecer além da cultura nativa. Quando se deparam com um dos militares rolando ao chão, debatendo-se com o ataque furioso destas formigas e sendo ajudado por outro colega de farda, mesmo estando próximo ao Professor indígena, Kouwe, é o salvador estadunidense quem sabe o que fazer: “Pare! Você só está fazendo com que fiquem mais enfurecidas’. Então ordena ao soldado que está no chão: ‘Sargento Kostos, fique parado!’. ‘Elas estão me ferrando por toda parte!’ [...] ‘Pare de se mover e elas o deixarão em paz’. E a ação que o narrador destinou ao professor Kouwe foi somente a de retirar umas folhas de seu embornal e esfregar no corpo de Kostos, provenientes de uma planta com propriedades analgésicas, que chamou de *Ku-run-yeh*⁴⁴.

Outro produto do conhecimento indígena foi chamado de pó da árvore Tok-tok, remédio para dor de cabeça, e quando queimado, repelente de insetos, usado na trama para afastar uma nuvem de gafanhotos carnívoros, que tinham sido atraídos ao acampamento noturno pela fumaça de uma fogueira feita pelos Ban-ali, usando um tipo de produto específico.

Professor Kouwe, estranhamente logo se vê assustado com os gafanhotos por terem sido enviados pelos Ban-ali, “como se a tribo dos Jaguares de Sangue pudessem de fato controlar a selva. E se aquele mito fosse verdade, o que mais então?”. Kouwe se preocupa ainda em não ter podido salvar a todos do ataque dos gafanhotos geneticamente alterados. Então o indígena é *consolado* por Nathan: “Você está sendo muito duro consigo mesmo. Nenhum grau de estudo ou experiência poderia prepará-lo para lidar com os Ban-ali e seus ataques biológicos. Nada como isto nunca foi documentado” (p.335).

Seguindo na direção da tribo Ban-ali são atacados por jacarés gigantes que acreditam terem sido alimentados para servir de guardadores da entrada de

⁴⁴ *Ku-run-yeh* – Nome com que é conhecida entre os Yanomanis da Guiana Francesa a *Rinorea* sp. Família Violaceae – Cura picadas de insetos; analgésico de aplicação utópica. Fonte Quizlet. Ethnobotany. Tradução nossa. Consulta em outubro de 2013

seu território, lugar onde poderiam achar a cura que buscavam. Através do estudo das propriedades químicas encontradas no corpo do Agente Clark, descobrem que o gatilho para a transformação da regeneração em doença era uma partícula que denominaram Príon (partícula de infecção de proteína), que de inócua passaria a infecciosa, semelhante à causadora da doença da vaca louca, que ataca o gado no Brasil. O narrador se vale da ocorrência endêmica do mal da vaca louca em sua narrativa, para exemplificar, mas este último somente se verificou em animais.

Então descobrem com espanto que a forma da molécula do Príon era semelhante ao símbolo da tribo Ban-ali, por isso acreditam que encontrarão a cura para a praga na aldeia. “A cura para esta praga poderia valer bilhões” (p.381). A preocupação seguinte seria como sair do Brasil com o material genético, pois “sem dúvida que o governo brasileiro iria querer esta descoberta só para si mesmo. Tal descoberta médica seria uma vantagem econômica” (p.382). Eis que sobrevive a linhagem dos corsários desde o século XVII, piratas agindo sob sanção oficial de uma nação. Vêm à Amazônia brasileira buscar cura de uma praga e planejam sair sorrateiramente para economizar tempo e direitos de propriedade industrial, lesando a própria soberania brasileira. A operação de saída ilegal é dita ter sido pensada por militares que teriam sido da famigerada Agência Central de Inteligência estadunidense: “E os O’Briens tem uma experiência ligada à CIA, que tem sido conhecida por jogar de muitos lados, contra um e outro, para atingir seus objetivos” (p.382).

Ao se deparar com aquela floresta onde fica a aldeia Ban-ali, com vegetação característica do período cretáceo, Nathan se espanta: “Considerando quão pouco da Amazônia tem sido explorado, é realmente muito surpreendente que nós não tenhamos encontrado este bosque antes” (p.411) (grifo nosso), praticamente uma convocação a se invadir e pilhar a Amazônia e uma declaração de soberba por achar que sabem ou deveriam saber de tudo.

Carl Rand, o cientista desaparecido, pai de Nathan Rand, após estudar a língua dos Ban-ali tende a acreditar que se assemelhe à dos Yanomani. Ao se depararem com Yagga, uma variante da palavra Yanomani Yakka, que significa

mãe, testemunham a presença nas proximidades de seu largo e irregular tronco, abrigados sob sua imensa copa, espécimes dos insetos e animais estranhos que lá se reuniam: “Não estou certo, mas é quase como se a árvore nutrisse estas criaturas” (p.445). “Penso que foi a seiva que fez a mutação deles durante o desenvolvimento inicial” (p.454). Questionam então o porquê dos seres mutantes não terem deixado a área: “Talvez algum imperativo biológico, alguma coisa genética do território. Isto soa como se sugeríssemos que esta árvore produziu/manufaturou estas criaturas propositadamente? Conscientemente? [...] Talvez seja tanto intenção e pensamento quanto pressão evolucionária. Impossível” (p.454). Mas é posto o argumento de já terem visto versões do fenômeno antes, como o caso da árvore-formiga e recordam que seus galhos e ramos são ocos e servem tanto para abrigar quanto alimentar as formigas por possuírem seiva açucarada. Em troca as formigas protegem a árvore de outras plantas e animais. Os insetos incomuns e os animais, mutantes, bem como os índios Ban-ali estariam todos presos à árvore pré-histórica da Yagga. Nathan concorda que esteja certo o pensamento de que as espécies se comportam como na árvore-formiga, mas que “os animais mutantes são somente instrumentos/ferramentas biológicas que a árvore supre a seus verdadeiros trabalhadores. [...] Os Ban-ali. [...] Os homens da tribo Ban-ali são os soldados formigas neste relacionamento” (p.456). Há muitos séculos, ao utilizar os benefícios da árvore se tornaram escravos, *ban-yin*, na língua Ban-ali. E Nathan se sente *enojado* com a comparação: “Homens usados como formigas”. “Através das eras, existem centenas de mitos de tais árvores, em todas as partes do mundo. *As guardiãs maternas*. Talvez este encontrado aqui nem tenha sido o primeiro” (p.457).

Este sistema de simbiose pode não ter sido o primeiro, mas com certeza sua ocorrência não é única, estas árvores representam instituições ou países que se adonam dos povos para servirem a seus interesses, ocupam uma posição central ou metropolitana e exploram o que consideram ser sua colônia ou periferia.

Caminhando longamente por uma caverna por entre as raízes da Yagga, guiados por um dos Ban-ali, aquele que os havia guiado até a aldeia, Nathan

encontra, envolto em milhares de raízes fasciculadas em forma de cabeleira, seu velho pai ainda vivo, uma figura esquelética, que naquele mesmo processo de simbiose se alimentava da árvore e esta de suas qualidades intelectuais. Carl Rand é retirado de lá e levado para uma saída daquele vale, minado pelos mercenários, que já haviam se apossado das substâncias que procuravam e iriam destruí-lo para preservar seu segredo.

'Quando estudei antropologia', disse Kouwe, 'li muitos mitos de árvores. A guardiã materna. Uma zeladora, armazém de todo conhecimento. Isto me faz imaginar sobre Yagga. Teria o homem cruzado seu caminho antes?' 'Que queres dizer?' Pergunta Nathan. 'Certamente esta árvore não foi a única deste tipo. Devem ter existido outras no passado. Talvez estes mitos sejam memórias coletivas primitivas de encontros humanos com esta espécie'. Ele [Kouwe] reconhece a dúvida nos olhos de Nathan e continua: 'Tome por exemplo a Árvore do Conhecimento do Jardim do Éden. Uma árvore em que seus frutos tivessem todo o conhecimento do mundo, mas que seu consumo amaldiçoaria quem comesse deles. Podemos traçar um paralelo com a Yagga. Mesmo quando eu vi Carl amarrado pelas raízes, ele me fez recordar um outro conto bíblico. No século XIII, um monge⁴⁵ que estava passando fome buscando visões de Deus, contou ter visto Set, o filho de Adão, voltando ao Éden. Lá ele [Set] viu a Árvore do Conhecimento, agora toda branca. Ela apertava Cain em suas raízes, algumas penetrando na carne de seu irmão (pp.566, 567).

Num descanso da marcha forçada é que ocorre este momento de reflexão, o que deixa uma indagação: seria Yagga como a árvore proibida do Jardim do Éden? pois pela explicação bíblica, o casal primevo comeu de seu fruto e foi expulso, teve que sair da comodidade para labutar no dia-a-dia. Yagga nutria seus dependentes, homens-formiga, animais-formiga e insetos-formiga, mas os prendia junto a si e os amaldiçoava com enfermidades se fossem para longe e deixassem de se nutrir dela com regularidade.

E assim, o vale da tribo Ban-ali é explodido pelos mercenários, que são por fim derrotados e capturados por Nathan e seus coadjuvantes. Os estadunidenses deixam a periferia e voltam ao seu centro do mundo, e "na mata fechada da floresta Amazônica, a natureza segue seu próprio curso invisível e imperturbável" (p.595). O casal de jaguares – onças de pelagem negra, mas com o desenho das pintas visíveis à luz do dia – ronrona iniciando acasalamento e depois seguem mais ainda mata a dentro, onde não existem trilhas, e tudo o mais é esquecido. . .

⁴⁵ Monge e missionário Ramon Lull, espanhol, da Ilha de Maiorca (1235-1316), Se refere a sua principal obra, *Ars Magna*, na qual estava incluída a *Árvore do Conhecimento*. Fonte: Math.Info

Neste contexto, o narrador onisciente embora não confiável, conclui sua narrativa dando fim às provas da existência da árvore mãe, Yagga; deu cumprimento ao desejo de justiça contra os 'maus'; fez com que o protagonista encontrasse seu par, fecundada durante a ação; tendo por fim os sobreviventes de volta ao lar; mas a selva continua em sua marcha lenta e inexorável; e olvida-se tudo o mais.

E assim conclui sua metáfora, de que a Amazônia seja não só a árvore do conhecimento, mas o próprio Jardim do Éden, onde os que dela consomem, os nativos do Brasil, estarão fadados a serem expulsos ou *aprisionados* no interior da terra, *alimentando* pela raiz algum vegetal.

É interessante notar que todo o movimento, engendrado desde o iluminismo, para se reencontrar o Jardim do Éden, as Estepes do Paraíso (numa tradução do hebraico *Gan Eden* para o grego), onde todos os problemas fossem resolvidos, todas as carências fossem supridas, não estivesse claro o reverso da onipresente dicotomia terrena, a expulsão, o êxodo, a emigração compulsória a desabar sobre nossas cabeças ao quebrar das regras. Aqui e lá existem regras. Então o que nos resta é filosofar com a lição da velha gaivota: "Não há tal lugar. O paraíso não é um lugar nem um tempo. O paraíso é ser perfeito (BACH, 1970, p.45).

CONCLUSÃO

As similaridades entre os elementos constitutivos destes livros de literatura de viagem são mais numerosas que as diferenças. O narrador de *The sea and the jungle* já de início admite que são intraduzíveis os tesouros da viagem, que não se conseguiria representá-los, entretanto em sua elaboração nos revelou sua ideologia colonial sob a narrativa que cometeu. Olhar crítico já sobre um tripulante brasileiro, se é alegre estando a ponto de cantar sugere-lhe a indolência e a ociosidade.

Valeu-se de um bem anotado diário de viagem perpassando mitos regionalistas, referências aos animais característicos da região amazônica, insetos temidos, navegação dos caudalosos rios amazônicos, visitas às cidades ribeirinhas, a Porto Velho, à Cachoeira de Santo Antônio, à Estrada de Ferro Madeira Mamoré, e apesar de não citar seu nome certamente que viajou ao longo dela e em seu entorno, conforme descreve. Acreditou conhecer a terra mais que os nativos somente por ler relatos e conhecer os mapas da região.

Explora o exotismo a começar pela comparação dos cheiros da vegetação desta ensolarada terra com a de suas nubladas ilhas; discrimina o cheiro dos nativos, de seus alojamentos; coloca os paraenses como enigmáticos, mas se surpreende que possuam altivez, que por certo julgariam mais adaptada aos próprios pares; e evoca os encolhedores de cabeças, antiga cultura indígena do Equador e Peru, embora não ocorresse no Brasil.

Por seus binóculos lança a pecha de desonestos aos nativos, mesmo ao oficial *latino alto e majestoso*, depreciados frente à exaltação da qualidade dos ingleses e suas indumentárias *imaculadas*; contrasta os indolentes arrastando cargas pelas sombras e aqueles conterrâneos de sangue forte e de raça pura; desdenha a produção do látex, o movimento e as comunicações que gera: - “só falam disto!” mas não concorda igualmente com a construção da ferrovia que supriram com equipamentos. Mesmo assim estranha a ingratidão com que são olhados os tripulantes e num gesto típico de colonizador, generaliza a *multidão de negros e negras*, ao lado dos bem especificados norte-americanos, ingleses, franceses, alemães, brasileiros e portugueses.

A obra foi escrita para ser lida com vagar, pois acompanha-se de citações latinas, referências mitológicas, bíblicas e descrições espalhadas pelo texto. Por todos os excertos mostrados junto à teoria pós-colonial analisada, possui características, marcas e instrumental carregados da ideologia imperialista e colonizadora, formativa do pensamento subalterno e do complexo de inferioridade com relação ao europeu.

Amazonia, de Rollins, como obra de ficção, não tem a realidade de uma jornada onde ancorar sua verossimilhança, por isso ocupa o leitor com narrativa farta de acontecimentos inesperados, em ritmo acelerado, apelando ao fantástico, em meio a elementos da ficção científica, apresentando a Amazônia como misteriosa e inexplorada e inclui até mesmo a possibilidade de regeneração de membros de seres humanos; admira a cultura nativa, mas sabe que a civilização tem marcha inexorável através das selvas, contudo vê a cidade como doença grave no espaço florestal.

Coincidentemente também cita a cidade de Porto Velho e o costume indígena de encolher a cabeça dos inimigos, embora Rollins tenha importado do Equador uma índia adepta do infame ritual, que mais aparecia em filmes antigos sobre a África da década de 1980, embora em 1961 o National Geographic Channel haja registrado uma cerimônia relativamente recente de encolhimento de cabeças⁴⁶.

Ao discutir o misterioso e o inexplorado mostra o parque genético que possui a Amazônia e a existência da pirataria de seus recursos biológicos; como forma de preservar o meio ambiente cita a criação da MEDEA, organização que tem acesso aos dados ambientais e outros, que espiona regiões sensíveis ao redor do mundo e que seus dados podem ser utilizados pelos cientistas para proporem novas formas de sua utilização. Neste caso o narrador usou da realidade, comprovando a criação daquela intrusa entidade com a citação de seus mentores, que facilmente podem ser encontrados na internet, junto aos registros de sua criação. Um brado de alerta percutiu na voz da literatura e foi comprovado uma década depois em *media* nacional e internacional com denúncias de técnicos arrependidos pertencentes à própria inteligência estadunidense.

Denuncia a presença de corruptos entre as autoridades brasileiras. Discriminação contra os latinos, classificados como indolentes, ociosos e

⁴⁶ O segredo dos encolhedores de cabeças. Fonte: <http://www.sofadasala.com/noticia/encolhedoresdecabecas.htm>. Consulta em dezembro de 2013.

desonestos, conforme se vê ao longo dos textos teóricos? O argumento como instrumento de legitimação de possíveis ações? É o que parece.

O narrador de *Amazonia* coloca os compatriotas no convívio da floresta com nativos, caboclos e indígenas, mas reservou a estes papel coadjuvante nas decisões e no conhecimento, dando aos personagens estadunidenses os papéis de protagonistas não só da narrativa, mas mais ainda do saber e do conhecer a fundo mesmo os mitos locais, costumes e a forma de enfrentar animais e seres com os quais não estariam acostumados em seu país.

Exalta a natureza, mas minimiza a presença do nativo, que só parece atrapalhar a paisagem e o aspecto do inexplorado e misterioso; evidencia ainda mais a pirataria biogenética e deixa por fim a mensagem que nos liga ao mito do jardim edênico, naquele objetivo inicial de todo processo de colonização ao buscar a resolução de todos os problemas, lançando sobre nós a expectativa de sermos desterrados a exemplo do Gênesis Mosaico.

No espaço de aproximadamente um século, entre estas duas obras de literatura de viagens, o que mudou, além da forma de escrever, mais descritiva em um caso e mais narrativa em outro, foi o deslocamento do centro de poder da Europa para os Estados Unidos, que passaram a ocupar o lugar das antigas potências coloniais logo após a segunda guerra mundial, porém, não só como uma potência imperial, mas difundindo pelos quatro cantos do mundo a idéia de responsabilidade mundial perante as outras nações. O foco na ocupação territorial, apropriação de riquezas minerais e outras ainda permanece, mas a utilização da tecnologia para rastrear o meio ambiente em busca de descobrir riquezas ocultas e espionar as próprias comunicações, para com isto manipular pessoas e Estados nacionais, ganha importância de maneira ímpar, chegando a ser considerada uma atividade lucrativa por si só.

Todo o exposto nos faz indagar se as velhas artimanhas do imperialismo, as longas e sinuosas teias do colonialismo que ainda vão existir por muito tempo, só findarão quando se provocar uma ruptura aos moldes já previstos por Frantz Omar Fanon, forçando o colonizador a se retrair em nome das baixas que lhes

forem impostas e dos prejuízos que lhes sejam causados? É bom que recordemos que em todas as tentativas de convivência entre colonizado e colonizador sempre esteve presente o ranço da cultura colonial e as departamentalizações, as dicotomias e a hegemonia do poder das metrópoles.

REFERÊNCIAS

AULETE DIGITAL. Prático. 2010.

Disponível em <http://aulete.uol.com.br/pr%C3%A1tico#ixzz2j1Zzzxzd>.

Consulta em Outubro de 2013.

Biblioteca Virtual de Literatura. *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Disponível em

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>. Consulta em 22/10/2013.

BRYDON, Diana & TIFFIN, Helen. *Decolonising fictions*. Sydney: Dangaroo Press, 1993.

BUARQUE de Holanda, Sérgio. *Visão do paraíso*. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CHARAUDEAU, Partrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

ENCYCLOPEDIA OF EARTH. *Environment and Security*. Boston: Boston University, 2011. Disponível em <http://www.eoearth.org/view/article/167611/>. Consulta em outubro de 2013

FANON, Frantz Omar. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: UDUFBA, 2008.

_____. *The wretched of the earth*. Translated by Richard Pliilcox. Introductions by Jean-Paul Sartre and Homi K. Bhabha. New York: Groove Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIL, Juan. *Mitos & Utopias Del Descubrimiento*, vol. I. Madri: Alianza Editorial, 1989.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2ª edição. Manaus: Valer, 2007.

GUESPIN, Louis. *Problématique des travaux sur le discours politique*. Paris: Didier/Larousse, 1971.

HERÓDOTO. *História*. eBooksBrasil. Versão para o português de J. Brito Broca. São Paulo, 2006.
Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>
Consulta em 05/02/2013.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.

HUMBOLDT, Alexander Von. *L'Amérique espagnole em 1800 vue par um savant allemand*. Apresentação de Jean Tulard. Paris: Calmann-lévy, 1965.

KANT, Immanuel. *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime*. Berkeley: University of California, 1961.

MAGASICH-AIROLA, Jorge e **DE BEER**, Jean Marc. *América mágica: quando a Europa da renascença pensou estar conquistando o paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MATH. Info. *Ramon Llull*. Fife: University of St Andrews, 2000.
Disponível em <http://www.apprendre-math.info/portugal/historyDetail.htm?id=Llull>. Consulta em Outubro de 2013.

MENDEL, Gérard. *Para descolonizar a criança*. Lisboa: Guide, 1973.

MIELIETINSKI, Eleazar Mosséievitch. *A poética do mito*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense - Universitária: 1987.

ORTIZ, Fernando. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba.

PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. Volume I, 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

PIZARRO, Ana. *Imaginário y discurso*. In Sentido dos lugares. Organizadores: José Luís Jobim et all. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

PLÍNIO, o Velho. *Histoire naturelle*. Paris: Les Belles Letres, 1947.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes*. Travel writing and Transculturation. New York: Routledge, 2008.

QUIZLET. Ethnobotany. *Ku-run-yeh*. San Francisco, 2013. Disponível em <http://quizlet.com/20177589/ethnobotany-flash-cards/>. Consulta em Out/2013.

RICHARD, Jean Barthélémy. *Les récits de voyages et de pèlerinages*. Turnhout: Brepols, 1981.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

_____. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTAELLA, Rodrigo. *El Libro de Marco Polo*. Madri: Alianza Editorial, 1987.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SHULZ-FORBERG, Hagen. *Unravelling civilisation: European travel and travel writing*. Berlin: Peter Lang, 2005.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio et al. *A presença negra em Rondônia*. As estruturas do povoamento. Porto Velho: UNIR, 2000. Disponível em: <http://www.gepaaa.unir.br/index.php/123/article/viewFile/15/10>. Consulta em 22/ago/2013.

VARELA, Dr. Draúzio. Site. São Paulo, 2013. Entrevista Dr. Antony Wang – Professor da Faculdade de Medicina da USP. Disponível em <http://drauziovarella.com.br/drauzio/automedicacao-e-autoprescricao/>. Consulta em Outubro de 2013.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução, introdução e notas de M. Rat. Paris: Garnier-Flamarion, 1965.

WEB ARTIGOS. Lei dos Pobres, 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-lei-dos-pobres-1601-primeira-lei-assistencialista-e-politica-de-bem-estar-social/101885/#ixzz2j1MQxMy8>. Consulta em 01/10/2013.

WIKIPEDIA. Expedição Thayer. 2013.

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Expedi%C3%A7%C3%A3o_Thayer.

Consulta em 01/10/2013.

_____. Joseph Arthur de Gobineau. 2013. Disponível em

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%A7a_ariana. Consulta em Outubro de 2013.

_____. *São Gabriel da Cachoeira*. 2013.

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Gabriel_da_Cachoeira.

Consulta em Outubro de 2013

_____. *Sociedade Matriarcal*. 2013.

Disponível em

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_matriarcal. Consulta em 05/07/2013.

WILLIAMS, Raymond. *The Country and the City*. London: Hogarth Press, 1985.